



ATOS DO CONSELHO SUPERIOR DA SOCIEDADE SALESIANA

SUMÁRIO

I. Carta do Reitor-Mor (pág. 3)

Notícia jubílosa: Dom Estêvão Trochta é Cardeal — Quatro meses de trabalho — Importância de prioridade para a formação — A propósito de Magistério — **Ainda sobre a oração** — A oração fruto e alimento da fé — O valor do silêncio — O verdadeiro salesiano é homem que pensa — Os retiros não são encontros para estudo — Por que tamanha insistência sobre a oração — **Quaresma: convite à temperança** — Não cadeias, mas guias — Austeridade e fortaleza — Três inimigos ameaçam as nossas comunidades — A missão requer austeridade.

II. Disposições e normas (faltam neste número)

III. Comunicações (pág. 20)

1. Dom Trochta torna-se o quarto Cardeal salesiano — 2. "Encontros intercontinentais" para a atuação do CGE — 3. Cursos de especialização e ajornamento junto ao PAS — 4. Cursos de "formação permanente" junto ao Salesianum de Roma — 5. "Encontro Mundial dos Salesianos Coadjuutores" — 6. Calendário dos trabalhos do Conselho Superior — 7. Dom Coronado, novo bispo salesiano — 8. Nomeações de Inspectores — 9. O "Centro de Estudos para a História da Congregação Salesiana" — 10. Os Salesianos no terremoto de Manágua — 11. Ofertas para Manágua.

IV. Atividades do Conselho Superior (pág. 27)

1. As reuniões do Conselho Superior — 2. O trabalho dos Dicastérios — 3. Outras iniciativas do Conselho — 4. O Reitor-Mor na Espanha e Portugal.

V. Documentos (pág. 32)

1. O "Calendário Próprio" da Congregação Salesiana — 2. Carta do Reitor-Mor aos Salesianos do México.

VI. Magistério Pontifício (pág. 38)

1. A Unidade da Igreja, dom divino e obrigação humana — 2. Todos estamos empenhados em conter a "droga" — 3. Ensínamentos comuns e também verdades formidáveis.

VII. Necrológio — Primeiro elenco de 1973 (pág. 61)

I. CARTA DO REITOR-MOR

Roma, abril de 1973

Irmãos e filhos caríssimos,

Eis-me de novo convosco para o periódico encontro que alimenta e entretém a união entre nós, tornando atuante a função que as nossas Constituições atribuem ao Reitor-Mor, função de centro de unidade da família (*Const., art. 129*).

Notícia jubilosa: Dom Estêvão Trochta é Cardeal

Começo com a notícia jubilosa da nomeação do nosso amadíssimo Dom E. Trochta para Cardeal. Mesmo tendo sido a notícia publicada já faz tempo, é de justiça fale eu neste lugar. A nomeação, de fato, enquanto é reconhecimento bem merecido do serviço fiel e constante que o nosso Irmão prestou à Igreja em condições particularmente delicadas e difíceis, reflete-se também sobre a nossa humilde Congregação, a que o Card. Trochta se sente sempre intimamente ligado, como membro vivo e afetuosamente dedicado e agradecido. Certo de interpretar o sentimento unânime da nossa família, apressei-me em lhe expressar as felicitações cordialíssimas, adiando para lhe manifestar no modo mais conveniente o júbilo comum, aqui em Roma, quando vier a receber do Santo Padre as insígnias cardinalícias.

Entretanto sinto prazer em pôr em evidência como em toda a difícil, penosa e atormentada trintena de anos do serviço salesiano e eclesiástico que prestou, o Card. Trochta, frente a quem quer que fosse e a todo instante, em perfeita coerência com o ensinamento do nosso Pai, foi sempre sacerdote de Cristo e da Igreja, sem hesitação nem subentendidos, filho sempre digníssimo de Dom Bosco.

Nesses momentos de incertezas e depressões, a sua figura é para nós farol para o qual podemos olhar como para fonte de luz e confiança.

Quatro meses de trabalho

Em meados de fevereiro concluímos a “sessão plenária” que teve ocupados os Superiores do Conselho por uns bons quatro meses. Depois do dia 15, os Conselheiros Regionais retomaram as visitas. Também os outros Superiores têm todos programa de encontros e contatos conforme os empenhos particulares dos respectivos cargos.

E o Reitor-Mor fez visitas e teve contatos para dar explicações exatas e encorajar, detendo-se de modo particular sobre os aspectos mais importantes da renovação por se fazer.

Como podereis verificar pela leitura da relativa Rubrica, neste número dos Atos, nos quatro meses do plenário, trabalhou-se duramente para enfrentar problemas inúmeros e urgentes.

Não pequena parte do nosso tempo foi dedicada ao exame dos Atos dos Capítulos Inspetoriais que se seguiram ao Capítulo Geral Especial. Como sabeis, para se tornarem obrigatórios, precisam da aprovação do Conselho Superior. Examinaram-se e aprovaram-se para mais de quarenta. Certo número de Capítulos, por situações particulares não puderam terminar no prazo de tempo previsto. Far-se-á o possível para se examinarem suas Atas com a solicitude desejada.

A seu tempo, quando tivermos a visão completa e a avaliação correspondente do trabalho realizado em todos os Capítulos Inspetoriais, esperamos dar-vos conhecimento, ao menos nas linhas gerais, dos elementos de interesse particular que vieram à tona. Trata-se de exame original em que as Inspetorias, cada uma por sua vez, apresentam sua fisionomia peculiar, com problemas e situações características, e com exigências locais e realizações propostas à luz do Capítulo Geral Especial, a saber, à luz da única Missão e do único espírito que fazem das Inspetorias, uma a uma, não átomos isolados a vagar no espaço, mas células vivas e atuantes, na

vida orgânica de realidade não menos viva como é a Congregação.

Importância de prioridade para a formação

As Inspetorias que já receberam a aprovação dos próprios “Atos Capitulares”, com eventuais observações e reparos correspondentes, estão agora em condições de proceder expeditamente à execução de quanto foi deliberado. É o momento e ponto mais importante e menos fácil; diria que se trata do “*punctum a quo pendet...*”. Documentos e deliberações mais adivinhadas e pertinentes, enquanto só ficam no papel, servem, é claro, para lembrar idéias e intuições, também propósitos generosos, mas tudo permanecerá como antes, no estado de desejos fúteis, se não arregaçarmos as mangas para superar inevitáveis dificuldades que se oporão à execução prática do que foi deliberado.

Em toda esta ação complexa mas importantíssima e vital será necessário que os responsáveis, que não são somente os dirigentes das Comunidades Inspetoriais e locais, procedam com coragem e ao mesmo tempo com método, cuidando bem dos setores que devem ter prioridade de execução. É de dever, porque de interesse vital, recordar que tudo quanto se refere à formação do pessoal (do aspirantado e postulado ao currículo próprio de formação salesiana, à qualificação espiritual e religiosa, à formação permanente), deve ter prioridade absoluta na realização das deliberações do Capítulo Inspetorial.

Negligenciar este setor essencial e vital, sem lhe dar precedência de fato nas providências que se hão de tomar, seria demonstrar falta de sensibilidade e consciência pelos interesses que estão acima de todos, da Inspetoria e da Congregação, mesmo se com palavras outra coisa se dissesse.

A Congregação — toda Inspetoria — tem hoje necessidade improrrogável de se desenvolver em profundidade (e todos entendeis o que significam essas palavras), não em extensão ou em quantidade e grandeza de obras.

Muito bem sei que essa “linha política” não é a mais fácil, mas sei também que os negócios importantes de ver-

dade nunca são fáceis: o caminho da renovação parte deste ponto. Se acaso tivéssemos outras perspectivas, não só cometeríamos erro gravíssimo, mas causaríamos à Inspetoria e à Congregação dano irreperável: o tempo não pára para nos esperar.

A propósito do pessoal em formação, de que temos o dever de nos preocuparmos seriamente e com realismo, advirto que depois do Capítulo Geral Especial se acentua perigo bem grave: crer que moços em formação, para prepará-los à vida religiosa, sacerdotal, salesiana, baste só deixá-los viver como quer que seja numa comunidade salesiana, sem formadores capazes e responsáveis que tomem cuidado, cuidado insubstituível, deles, sem preocupação de comunidade educadora apropositada à condição deles. É erro que não hesito definir como fatal. Ainda que desconhecêssemos o quanto estes moços precisam receber (hoje mais ainda do que antes), falamos com clareza admoestadora os resultados dolorosamente negativos dados por essas “experiências”.

Caríssimos, as vocações são um tesouro que o bom Deus nos confiou, tesouro que é tanto mais precioso, quanto mais raras são. E não podemos desperdiçá-las com uma leviandade irrefletida, perdendo-as ou deformando-as como quer que seja, deixando de dar-lhes os cuidados elementares e devidos que são requeridos pela mesma natureza de vocação em formação. Isso não exclui de modo algum a compreensão prudente e equilibrada da sensibilidade própria do momento histórico em que vivemos.

É esse um problema grave, da reta solução do qual muito depende o futuro das Inspetorias e da Congregação. Por isso todos os órgãos responsáveis deste setor queiram ter sempre presentes estas reflexões.

A propósito de Magistério

Vários irmãos quiseram agradecer-me pelas páginas que escrevi em o número anterior dos Atos sobre o Magistério da Congregação. Era minha obrigação falar dele e faz parte da responsabilidade que pesa sobre quem — nos vários níveis — tem mandato de direção na Congregação. Nunca como

hoje a autoridade se exprime no Magistério. Mas à abrigação dos Superiores de exercer devidamente a importante tarefa corresponde a dos Irmãos de tê-lo na justa conta.

Para tal fim, parece-me, devo precisar que o Magistério, se é dever do Reitor-Mor, interessa também, em proporção com o próprio encargo, Inspetores e Diretores. Com efeito, seu papel é antes de tudo dar a conhecer, e o mais largamente possível, afim de lhes promover a observância, diretivas e normas que já existem de fato, especialmente as contidas em as novas Constituições e relativos Regulamentos gerais.

Constata-se muitas vezes que se ignoram diretrizes e normas já de há muito notificadas e comunicadas. Mais do que lamentar-se passivamente, necessário é que quantos tenham encargos de governo não só dêem a conhecer, mas insistam com caridade e igual clareza para que se aplique o que foi codificado pelos nossos vários órgãos legislativos e de governo. É preciso e é por demais vantajoso que Superiores e relativos Conselhos Inspetoriais e locais, cada Irmão, cada um conforme a própria esfera de responsabilidade e ação, se tornem cônscios do sacrossanto dever que têm para com a Congregação.

Pois tudo será inútil se diretrizes claras e precisas, providas quer do Capítulo Geral quer do Inspetorial, como do mesmo Conselho Superior não forem postas em prática e se não se fizerem pôr em prática sem omissões nem temor.

Ainda sobre a oração

A minha carta de janeiro sobre a oração despertou na Congregação muitas reações positivas não só da parte de quantos têm responsabilidade de guiar as comunidades, mas de Irmãos, singularmente, muitas vezes também moços, um pouco por todos os continentes. É sinal de que a necessidade da “vida com Deus” é sentimento bem refletido e difundido na Congregação, não obstante as falhas e infidelidades que se possam deplorar cá e acolá. É também elemento confortador de confiança e esperança para a nossa renovação.

Porém não basta reconhecer com palavras e bater palmas ao assunto da oração, nem sequer basta pôr em relevo a importância que tem neste momento da nossa história.

Como já notava na carta e como me consta por quanto se vai fazendo em muitos lugares, é preciso que, em cada comunidade e da parte de cada Irmão, nos convençamos concretamente de que a nossa vocação tem sentido e se sustenta tão só na fé, que, por sua vez, encontra o seu próprio alimento natural na oração. Sem oração, poderá haver o que se quiser, mas certamente não haverá vocação nem missão salesiana.

A oração fruto e alimento da fé

Impressionou-me profundamente um capítulo de livro recente de Jean Guitton, intitulado “Porque eu creio”. Nele o insigne pensador e profundo erudito cristão, referindo-se também à experiência pessoal, demonstra e ilustra tese que não pode deixar de nos fazer pensar.

A certo ponto diz o seguinte: “Não pode haver fé que não se apóie num exercício contínuo do que podemos chamar “a piedade”. Note-se a palavra usada pelo escritor: “Piedade”. E acrescenta: “Percebo com clareza que se não tivesse sido formado para fazer este exercício, a minha fé não se teria podido nutrir. Seria como planta sem terra. E penso que o enfraquecimento da fé depende em parte do fato de que se deixa de lado tudo o que os séculos precedentes tinham criado”.

E urge com outra observação: “O problema da fé não é somente o problema de saber onde esteja a Verdade. É ainda problema prático: como infundir e encarnar uma verdade numa existência?”

E depois: “Saber não prepara para amar. Para encarnar uma verdade na minha substância, para colocá-la no meu ser, na “carne do meu espírito”, devo encarná-la, dar-lhe um invólucro palpável”. Guitton conclui que essa encarnação da fé que é a verdade, está na piedade, que ele define elemento indispensável para nutrir a fé.

Quis fazer-vos esta longa citação para que se veja como almas entregues à procura diligente e apaixonada da verdade, espíritos abertos ao que é novo sem temores (Jean Guitton é folósofo, ecumenista, exegeta) reconhecem o nexo profundo que a oração e a piedade têm com a fé, de modo tal que se pode concluir que o problema da oração é um problema de fé.

E então é o caso de perguntar: como é possível viver em plenitude a nossa vocação e missão, frutos somente da fé, se ela separada da oração vai elanguescendo, ou na prática se reduz a uma “não-fé”?

Crede-me, caríssimos: o abandono ou o desleixo na oração — embora com as mais especiosas pseudo-motivações, que são verdadeiros sofismas suicidas — provocam descaída ou ferida na fé com todas as conseqüências (embora nem sempre evidentes) para a nossa vocação e missão.

E então? Só resta renovar, com senso de responsabilidade e amor, o nosso propósito: Inspectores, Diretores, Irmãos, empenhemo-nos todos com fatos, concretamente para que a oração tenha em cada um de nós e em cada comunidade o lugar primário que lhe compete. “Deus o primeiro a ser servido, o resto virá com o resto”. E o nosso próximo será então certamente servido e melhor e mais amado.

De fato, quanto mais vivermos a nossa oração, tanto mais ativa, generosa e fecunda será a nossa missão. É Nosso Senhor que no-lo diz: “Sem mim, nada...” e no-lo confirma a experiência de cada dia.

O valor do silêncio

Com relação ao tema da oração, desejo explicitar ainda uma idéia que com ela tem afinidade particular. Autorizadamente disse Voillaume, que por sua vez cita o Irmão Carlos Carreto, que a oração é “pensar em Deus amando-o”. Duas orações inseparáveis. Não me detenho no segundo verbo: amar. Mas me parece oportuno e útil frisar a palavra “pensar”.

É claro que pensar seriamente em Deus — como em qualquer coisa importante — requer-se reflexão, recolhimento, serenidade, numa palavra, o silêncio fecundo em que — a sós — se pode concentrar a atenção e por isso realizar o encontro filial, o colóquio com Deus e escutá-lo.

Pois bem, quando se fala de silêncio... hoje é possível ouvir falar assim: “Negócio de monges, coisa da idade média”... São eslôgãos-sofismas que encantam os desprevenidos e levianos e no fundo revelam mentalidade embebida, insen-

sivelmente talvez, do clima do consumismo, comodismo e edonismo que é alérgico a toda espécie de recolhimento, reflexão e se diverte mergulhando nas distrações.

Escreve um autor moderno: “Baste recordar a dimensão imensa da “indústria da distração” e os esforços que se fazem nesse campo —. Quer-se a distração barulhenta que acabe cada vez mais com o silêncio propício ao recolhimento. O homem moderno não sabe o que fazer do silêncio, da solidão, do estar a sós a refletir. Reage, como antes se pensava que a natureza reage ao vácuo, com o “horror vacui”. Essa atitude leva o homem a fazer o que pode para esquivar a solidão, o silêncio, a quietude. Mas claro é que isso torna difícil, senão impossível, a reflexão e o recolhimento. Convivência com o Deus silencioso não existe sem o silêncio, sem solidão, sem recolhimento” (*Koser C., Vida com Deus hoje*).

Por certo, não somos nem podemos ser monges, nem da idade média. Somos Salesianos com tudo o que esse nome supõe, e Salesianos deste nosso tempo. Isso, porém, não exclui o que disse — e com razão — o nosso Capítulo Geral com tamanha clareza. Eis quanto se lê no artigo 35 dos novos Regulamentos: “Para favorecer o clima de recolhimento, de oração, de trabalho pessoal e de repouso, cada comunidade estabeleça os momentos de oportuno silêncio”.

Como vedes, o Capítulo Geral, enquanto se preocupou com aliviar a nossa vida comunitária de formas que não correspondem à nossa missão peculiar e ao nosso estilo, de modo algum fez *tábula rasa* do valor do silêncio.

Se depois consideramos por dentro a Igreja de hoje, apesar de tamanhos contrastes e confusão, vemos aos milhares simples cristãos, ativos o mais que se pode ser, religiosos, sacerdotes, “tomar de escalada”... não claustros, mas as cada vez mais numerosas casas de retiro e oração, onde se respira, por assim dizer, a plenos pulmões, ar salutar e oxigenante para o espírito, mergulhados no silêncio.

Mas tudo isto será pertinente a nós, caríssimos salesianos, entregues ao trabalho e atividade febril? É de todo pertinente! Guilherme Fealher, americano, um desses típicos homens de negócios, que saíram do nada, sempre mergulhado em atividade vertiginosa que o tornou riquíssimo, nas

suas memórias dá a fórmula dos grandes sucessos nos negócios: “Passai a tarde no quarto, inteiramente a sós com os vossos pensamentos. Essa experiência vos ajudará a vos conhecer melhor a vós mesmos. Uma tarde passada diante de vós mesmos pode fazer-vos descobrir uma pepita de ouro ou um diamante”.

Mas sem ir à América e com certeza não para descobrir quem sabe que tesouros, já Pascal havia dito estas palavras, que nós salesianos da década de setenta, convém que meditemos:

“Descobri que todas as desgraças dos homens provêm de uma coisa só e é que não sabem ficar a refletir num quarto”.

Se olharmos ao redor de nós e — por que não? — em nós mesmos, não poderemos discordar do grande pensador que fala do homem e ao homem de sempre.

A propósito do convite de Pascal, podemos concretamente perguntar-nos a nós mesmos: quanto tempo damos à reflexão, à leitura pessoal de argumentos que nos põem diante do nosso próprio íntimo e do Absoluto. Essas leituras, indispensáveis, não podem ser as que nos servem para preparar conferências, lições, homilias, aliás sempre necessárias, mas antes leituras destinadas diretamente a alimentar o nosso espírito, a pô-lo em contato filial e amoroso com Deus.

O verdadeiro salesiano é homem que pensa

O pensamento citado de Pascal me impressiona ainda mais, porque tenho em mente uma observação que me foi feita por ótimo sacerdote, bem culto, fervorosamente aberto à renovação conciliar e pós-capitular. Depois de haver pregado, em vários lugares, retiros anuais aos salesianos, faz alguns meses referia penalizado esta constatação: “Os salesianos que encontrei por ocasião dos Exercícios Espirituais deram-me a impressão de estar sofrendo certa “alergia ao silêncio” e infelizmente, ao mesmo tempo, alergia a pensar e rezar”. Gostaria não fosse verdade esse juízo ou ao menos bastante exagerado e generalizado.

O Salesiano clássico, o que, desde a origem até o dia de ontem, construiu a Congregação, determinando sua expansão

é progresso, se é verdade que se reconhece sempre pelo dinamismo incansável, não é menos verdade que é homem que sabe pensar, recolher-se em si mesmo, refletir e rezar, a exemplo do Pai. Padre Rua, Padre Rinaldi, Padre Berruti, Padre Quadrio, Coad. Srugi... são como que representantes de milhares de irmãos que souberam trabalhar ativissimamente e com êxito, sempre iluminados e confortados pelo “pensar fecundo”, digamo-lo claramente, pela “conversação silenciosa com Deus” que dá energias renovadas e indica, frente às inevitáveis dificuldades, os caminhos seguros para alcançar novas metas.

Caríssimos, quanto mais for a nossa vida ativa e exposta aos ventos mesmo impetuosos da secularização, tanto mais deveremos tornar profundas nossas raízes. E isso acontece precisamente quando sabemos pensar, refletir, encontrar-nos com Deus, criar comunhão com Ele: quando se acha, no recolhimento no silêncio, atmosfera e ambiente mais adaptado, especialmente nos momentos privilegiados que são os chamados “tempos fortes”: retiros, mensais e trimestrais, e ainda mais o anual dos Exercícios Espirituais. O art. 63 das Constituições, retomando — e não ao acaso — o pensamento de Dom Bosco, diz que o nosso Pai “via nesses tempos de recolhimento e renovação a parte fundamental e uma como síntese de toda a nossa vida de oração”.

Os retiros não são encontros para estudo

Mesmo a custa de repetir, lembro a todos que os retiros não se podem transformar (e deformar) em encontros para estudo, em seminários, em debates sobre os mais variados problemas de cultura. Os encontros podem ser úteis, mas não devem substituir os retiros: devem encontrar lugar em outros momentos e ocasiões.

Os retiros devem servir, com toda a organização que lhes é peculiar, para renovar e reconfortar a vida espiritual e apostólica dos Salesianos. E isso se realiza na reflexão e oração pessoal e comunitária, coisas todas mui próprias dos retiros. Poder-se-á admitir haja maneiras, modalidades e formas diversas para o recolhimento, silêncio, para a mesma solidão (talvez nessa matéria tenhamos ainda muito que

aprender); mas a necessidade fundamental desses elementos para a vida interior e de oração é insubstituível.

Para salvar o homem e a vida com Deus devemos acabar de vez com a moderna fobia do recolhimento e silêncio e, por isso, a fobia da oração. Recolhimento e silêncio são instrumentos indispensáveis não só da vida com Deus, mas até da verdadeira cultura e civilização.

Se Inspetores e Diretores não perderem de vista estas idéias inteiramente verdadeiras, mesmo se não conformistas, estou certo de que as diretrizes conseqüentes não serão dadas em vão. Bem sabem eles que é sua obrigação impedir que dum modo ou doutro os dias marcados pelas Constituições para superalimentação espiritual e apostólica dos Irmãos se esvaziem do seu conteúdo. Façamos, pois, com que realmente os direitos e os verdadeiros interesses dos Irmãos neste ponto não fiquem defraudados.

Por que tamanha insistência sobre a oração

Agora talvez alguém pergunte: por que tamanha insistência sobre esse tema da oração? Respondo logo e concretamente.

Vejo que é urgente a ação corajosa, total e metódica, para a nossa renovação, na linha claramente assinalada pelo Capítulo Geral Especial. Mas precisamente por isso, vejo seria erro gravíssimo visar outros setores, também importantes, sem tomar como ponto de partida o empenho renovado da nossa vida de oração. E quando digo oração entendo todo o conjunto das nossas relações — de consagrados e de “mandados para a missão” — pessoais e comunitárias, com Deus.

“Este é hoje o ponto central, ou melhor o segredo da renovação da nossa vocação salesiana”. Não é minha esta afirmação perentória, é do Capítulo Geral Especial (n.º 519).

Não só; mais adiante o mesmo Capítulo Geral assim se exprime: “Estamos convencidos de que só um renascimento espiritual e não simples reestruturação, será o sinal de partida para nova época na história da Igreja (Atas, n.º 523).

Essas afirmações do órgão máximo da Congregação são fruto de laboriosa experiência e nasceram do desejo de ver a Congregação voltada sim, para um empenho apostólico audaz e oportuno, mas precisamente por isso cheio do “propulsor divino” que provém de uma vida espiritual e de oração não formalista, mas de convicção. Tenhamos bem presentes essas afirmações, sobretudo nestes momentos decisivos para a Congregação empenhada em pôr em movimento o mecanismo complexo da sua renovação.

Ai de nós se dedicando-nos a outros setores, descuidamos da vida com Deus. A renovação, com efeito, não nos põe diante de um fato de reorganização, mas de um empenho de fidelidade e docilidade espiritual a Nosso Senhor. Correríamos o perigo de criar uma quantidade de mecanismos na aparência eficientes e até sugestivos, mas sem alma, carecendo da energia espiritual insubstituível para o serviço que a Congregação deve prestar aos jovens e à Igreja. Teríamos tão somente estruturas pobres que logo demonstrariam a sua esterilidade.

Caríssimos salesianos, convidados a ser obreiros da renovação, cremos sinceramente e com toda a convicção na solene e sempre atual afirmação do Padre Rinaldi, introduzida naquele tempo num artigo dos Regulamentos: “A operosidade incansável, santificada pela oração e união com Deus, deve ser o apanágio dos filhos de São João Bosco”.

Quaresma: convite à temperança

Uma última reflexão. Escrevo estas páginas quando apenas entramos no tempo quaresmal. Em sintonia com todo o clima conciliar, o art. 50 dos Regulamentos nos convida a viver intensamente este significativo tempo do ciclo litúrgico, levando a plano concreto, pessoal e comunitário o clima de austeridade própria da quaresma.

Antes de tudo quereria notar em linha geral: com frequência tenho que me reportar de modo especial às Constituições. É importante não só tomar conhecimento, e bom, das mesmas, mas ter com elas verdadeira familiaridade: é a maneira garantidamente eficaz para fazer que as apreciemos,

descobrimo nelas toda riqueza espiritual e salesiana que contém e por conseguinte levar-nos não tanto a uma observância formal, quanto a vivê-las praticando-as.

Não se pode, de fato, tratar, entre homens coerentes e fiéis à sua própria promessa, de formalismos vãos e fictícios, mas de aceitação sincera e cordial desses meios que a Congregação nos oferece a nós, seus filhos, para que correspondamos adequadamente à nossa missão e consagração. Por isso, nas comunidades, mais do que conveniente, é necessário se encontrem momentos para leitura em comum de artigos das Constituições e Regulamentos.

Não cadeias, mas guias

É muito importante que os Superiores locais, especialmente Inspetores e Diretores, se sirvam com freqüência das Constituições e do espírito e valores que contém. E isso também para artigos não estritamente jurídicos de aplicação concreta, mas que, por vezes, encerram valores fundamentais e essenciais para o espírito e vida salesiana.

Constituições e Regulamentos, é bom lembrar, não são túnica de Nesso, ou cadeias que cerceiam a verdadeira liberdade, mas guias por onde as forças da Congregação podem ordenadamente desenvolver-se, progredir e agir.

As Constituições, se bem analisadas, encerram, como que em síntese completa, o espírito próprio da Congregação: conhecê-las, praticá-las, fazê-las praticar são modo e meio tão simples como eficaz para nos mantermos unidos no espírito que representa o elemento vital da Congregação.

Queria ainda acrescentar: não basta servir-se das Constituições, mas conforme as necessidades e ocasiões, especialmente quem tem responsabilidade, deve exigir que sejam respeitadas. Antes de tudo por sentimento, diria, de lealdade profissional, porém não menos do que por sentimento de obséquio e defesa da mesma "lei". É ela expressão da vontade da Congregação, na fidelidade ao carisma do "Fundador"; dela e para ela toda sociedade organizada e ordenada exige de todos os membros leal observância. O dia em que se olhasse para a lei (para as Constituições) como para um

pedaço de papel e fosse ela substituída pelo arbítrio e capricho individualista e pelo desprezo, na prática senão na teoria, esse dia veria o fim da Congregação.

Dom Bosco, com o sentimento de coração paterno que vai deixar os filhos, na carta testamento no-lo recorda ainda: “Se me amastes no passado . . . continuai a amar-me no futuro com a exata observância das Constituições”.

O Pai nos indicou a medida do nosso amor para com ele, e por conseguinte para com a Congregação, criatura sua e nossa mãe. Sem isso, esse amor, amor verdadeiro a Dom Bosco, apesar de toda aparência, não haveria. Desse-o ele, o Pai.

Austeridade e fortaleza

Mas tornemos um instante ao convite que nos vem da quaresma, convite de austeridade. Na verdade esse convite se acentua para o tempo quaresmal, mas é válido e nos acompanha também fora dele.

Dom Bosco e toda a melhor tradição salesiana dá a essa austeridade o nome de temperança.

Bem sabemos hoje que em certas “cátedras” não só leigas (e talvez até em nosso meio) esses valores são depreciados e contestados, e substituídos — ao menos de fato — pelos valores das comodidades e bem-estar e do consumismo. Mas sabemos também que onde comodidades e bem-estar se tornaram critério de avaliação de indivíduos, grupos, nações inteiras, aí o homem não se salva mais como homem.

Pensemos no que sucede, especialmente em meio à juventude, em as Nações onde o progresso se confundiu com a corrida para o mito do bem-estar.

Os verdadeiros valores humanos estão em nível mais alto do que os dos meros valores do bem-estar (embora não se possa negar a sua utilidade e validade, contanto que sejam vistos em posição subordinada e em grau inferior na escala dos valores).

Ora, os valores humanos mais altos só se alcançam quando o homem é capaz de se dominar e superar a si mes-

mo. E para isso requer-se enfrentar incômodos, austeridades, digamos a palavra: a mortificação, a temperança.

São oportunas as palavras de Paulo VI no início da Quaresma: “A abnegação cristã, a mortificação, a penitência, — disse — não são formas de fraqueza nem complexo de inferioridade, mas provindo da graça e do esforço da vontade, são até formas de fortaleza. Treinam-nos para o domínio de nós mesmos; dão unidade e equilíbrio às nossas faculdades; fazem o espírito prevalecer sobre a carne; a razão, sobre a fantasia; a vontade, sobre os instintos; introduzem em nosso ser uma exigência de plenitude e perfeição... Onde há rigor, aí há vigor!” (Discurso de Paulo VI, em Santa Sabina, 7/3/73).

Hoje é muito bonito reportar-se com frequência ao Santo Evangelho. Ótimo! Recordemos então a palavra, simples e claríssima, de Jesus, dirigida a nós mesmos que optamos segui-lo de perto: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz dia após dia, e siga-me” (Lc 9,23). Este é um dos fatores irrenunciáveis da mensagem cristã, que nós consagrados declaramos um dia aceitar plenamente.

Três inimigos ameaçam as nossas comunidades

O nosso Capítulo Geral Especial se mostrou bem sensível frente ao valor da renúncia cristã, que na temperança tem sua primeira e substancial interpretação (não foi por nada que Dom Bosco quis formasse ela juntamente com o trabalho, um dos dois elementos do binômio salesiano).

O mesmo Capítulo Geral (n.º 606), após ter dito que a nossa vida austera é “particularmente visível” quando é vivida em comunidade, explica que ela deve ser vivida em concreto na frugalidade da alimentação, na renúncia do supérfluo, na funcional simplicidade dos edifícios, do modo de possuir (pois tudo o que temos e tudo o que somos, pomo-lo em comum em ordem à nossa missão), na prática de solidariedade generosa com as Casas e Inspetorias da Congregação e com as diversas necessidades da Igreja e do mundo.

A Quaresma é convite para refletir e perguntar em cada comunidade com sinceridade e sem paixão, evitando “mudar de conversa” ou tranqüilizar com fáceis mas não convincentes pretextos a nossa consciência: como vamos — indivíduos e comunidade — em questão de austeridade e temperança?

Dom Bosco advertia sobre este ponto que três inimigos ameaçam as nossas comunidades: “cibus, potus, lectus”. E abria explicando o leque de fatores negativos para a nossa vida contidos nas três palavras latinas, aliás de fácil interpretação. Penso que o aviso do Pai seja hoje praticamente atual, especialmente em certos setores.

Entre outras coisas, a falta de temperança e frugalidade à mesa, em certas férias prolongadas e caras, na cata de toda espécie de comodidades e conforto, nos divertimentos próprios de vida inteiramente burguesa, são ofensa a tantos irmãos que vivem em autêntica pobreza e austeridade salesiana, ao número incalculável de pobres que carecem do necessário. E são ofensa a milhares de pessoas boas que, para serem úteis à missão salesiana, levam teor de vida austero de verdade, repleto de verdadeiros sacrifícios, muito mais modesto do que o teor de vida dos que gozam dos frutos de tal austeridade.

Bem sabemos como os homens são exigentes no delicado setor que se refere, além do mais, à nossa pobreza pessoal e comunitária e ao sentido mesmo de comunidade consagrada. E pensemos que incidência positiva pode ter sobre as vocações juvenis uma vida que tenha o cunho da austeridade e da temperança.

A missão requer austeridade

O Capítulo Geral declarou que as Missões são o caminho real para a nossa renovação. Por isso é que falamos de necessário o despertar do clima missionário em todas as nossas comunidades.

Mas vida lânguida, vida que se levasse à cata afanosa do que acaricia o corpo, fibra frouxa e mole, sem nervo nem vigor que vem da “temperança à D. Bosco”, como poderia ser fermento de espírito missionário?

Não é ao acaso que Dom Bosco lembra aos Missionários (mas valerá somente para eles?): “grande sobriedade nos alimentos, bebidas e repouso”.

Não se vê enfim como possa viver dos interesses de Deus e ser homem de verdadeira oração, quem na prática viva com atenção preocupada de que nada lhe falte, fazendo do seu pequeno mundo de bem-estar o seu ideal, tão diferente do ideal proposto e querido por Cristo.

A intemperança é um dos pontos fracos por onde, ensina-o a experiência da história, o inimigo se infiltra para fazer ruir mais facilmente os muros da Congregação. Dom Bosco, conhecedor da história, gritou com altas vozes aos seus filhos para o perigo que correm.

A missão a que nos incita requer, ao invés, doação e esta impõe austeridade e desapego: supõe um “coração descalço”, como dizia São Francisco de Sales.

Caríssimos, quereria que vos detivésseis sobre estas minhas reflexões, para, à sua luz, verificar a vossa situação pessoal e comunitária. Queira Deus que Dom Bosco e tantas almas boas que amam e estimam a Congregação e querem os Salesianos fiéis ao Pai, possam dizer de vós: “Estes sim é que são Filhos de Dom Bosco”.

Espero que esta minha carta chegue a tempo para fazer-vos os meus afetuosos votos de Páscoa.

Dou-vos a minha cordial saudação: reencontremo-nos cada dia “in fractione Panis”.

E o nosso Pai Dom Bosco nos abençoe a todos.

Pe. LUIS RÍCCERI
Reitor-Mor

III. COMUNICAÇÕES

1. Dom Trochta torna-se o quarto Cardeal Salesiano

De acordo com uma referência feita pelo Reitor-Mor em sua "carta", Paulo VI no Consistório do dia 5 de março passado comunicou que o Salesiano Dom Estêvão Trochta, Bispo de Litomerice, tinha sido feito Cardeal "in pectore" no Consistório anterior, de 1969.

Eis as palavras com as quais o Papa na sua alocução proferida durante o Consistório secreto explicou os motivos da nomeação e do segredo mantido durante esses anos:

"Uma outra comunicação, e esta singular, devemos fazer ainda neste momento: seja-nos permitido reportar-nos ao anúncio que dávamos, no passado Consistório, que se realizou no dia 8 de abril de 1969, a respeito de dois Membros do Sacro Colégio, cujos nomes, na altura, reservamos "in pectore".

• É-nos grato revelar agora que o primeiro deles é o venerável Irmão Dom Estêvão Trochta, Bispo de Litomerice, na Checoslováquia. Houvemos por bem, então, inscrevê-lo no vosso Colégio, não apenas para que isso fosse um reconhecimento público dos méritos do mesmo Pastor, fiel e inflamado de zelo pelas almas, mas também para ser um testemunho do afeto que nutrimos pela nobilíssima terra, da qual ele é filho e que tantos motivos reúne que no-la faziam e fazem particularmente querida.

Impediu-nos de divulgar imediatamente o seu nome, na altura, a consideração de que vivia ainda — se bem que já atingido pela grave doença, que, passado pouco tempo, lhe havia de tirar a vida — esse Prelado venerando que era o Cardeal Dom José Beran, o qual, embora vivesse fora da sua pátria, continuava a conservar o título da gloriosa arquidiocese de Praga; impediram-nos igualmente de o fazer, ainda, sobretudo o desejo e a esperança que jamais abandonaram a Sé Apostólica de levar por diante, entretanto, os esforços que há já anos se vinham a envidar, no sentido de se chegar a uma normalização da situação da Igreja na Checoslováquia e do governo canônico das dioceses deste mesmo País.

Por isso mesmo que, exatamente neste últimos dias, com a nomeação e Ordenação de quatro novos Bispos daquela Nação, se chegou

a um certo bom êxito, ainda que apenas inicial e incompleto — mas que confiamos possa vir a ter, o mais breve possível, uma ulterior evolução favorável desejada —, temos a alegria de dar hoje este anúncio, que, disso estamos certo, será motivo de júbilo e de satisfação não apenas para os católicos, mas sim para todo o povo da Checoslováquia.”

2. “Encontros intercontinentais” para a atuação do CGE

O Conselho Superior determinou nestes dias as modalidades de atuação dos “Encontros intercontinentais” previstos pelo XX CGE. Tais encontros foram fixados nos Atos do CGE n.º 761, 12, nestes termos: “O Reitor-Mor e alguns membros do Conselho Superior em tempo oportuno, promovem encontros com os Inspetores das diversas regiões para analisar a atuação do Capítulo Geral”. Neste mesmo lugar dos Atos foi fixado também em suas linhas gerais o “iter” complexo e empenhativo, para a preparação de tais “encontros”. O Conselho Superior precisou agora melhor este “iter”, que resultou subdividido em quatro fases.

Primeira fase: em cada Inspeção, o Inspetor e o seu Conselho preparam uma “relação” que apresente o modo como estão sendo aplicados na Inspeção os decretos do CGE e as deliberações do CIE.

Segunda fase: a realização do Capítulo Inspeccional intermédio situado entre os Capítulos Gerais, de acordo com o que prescrevem os Atos do CGE no número 761, 10. Tal capítulo tem como escopo discutir a “relação” preparada pelo Inspetor com o seu Conselho, e de aprovar o texto definitivo.

Terceira fase: a “relação” aprovada é enviada ao Conselho Superior, que a examina.

Quarta fase: finalmente terão lugar os “Encontros intercontinentais”, a que participarão o Reitor-Mor, com alguns membros do seu Conselho, e os Inspetores com os Delegados das Inspeções.

Nesses dias o Conselho Superior estabeleceu também, em linha de máxima, e salvo imprevistos, que estes “Encontros” serão em número de três e terão lugar em Roma, Brasília, e Bangalore. Ficaram estabelecidas as datas para as várias fases da preparação como resulta da tabela seguinte:

Para os Encontros de:	ROMA	BRASÍLIA	BANGALORE
a) Preparação da "relação" do Inspetor com o seu Conselho	em fins de 1974	durante o mês de janeiro de 1975	durante o mês de maio de 1975
b) Realização do Capítulo Inspetorial "intermédio"	em janeiro de 1975	em fevereiro de 1975	em junho de 1975
c) Envio da "relação" ao Conselho Superior e o seu exame	fevereiro-março 1975	março-abril 1975	agosto-setembro 1975
d) Encontros intercontinentais	1.ª dezena de abril de 1975	última dezena de maio de 1975	2.ª dezena de outubro de 1975

3. Cursos de especialização e ajornamento junto ao PAS

O PAS de Roma notificou a organização de cursos de especialização e ajornamento para os próximos anos. Trata-se de um "Biênio de especialização em Teologia", um "Biênio de especialização em Espiritualidade", e um "Curso anual de ajornamento".

O "Biênio de especialização em Teologia" está aberto a quem tenha feito os estudos de Teologia institucional. Oferece a possibilidade de escolha em dois setores: "Teologia dogmática" e "Teologia pastoral" (neste segundo setor são oferecidas ulteriores especializações: Moral pastoral, Liturgia pastoral, e Espiritualidade). No fim do biênio será conferida a "Licença em Teologia".

O "*Biênio de especializações em Espiritualidade*" está aberto a todos os membros da Família de Dom Bosco (Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, Voluntárias de Dom Bosco, Cooperadores e Ex-alunos). Exige-se como título mínimo de estudo feito: licença da Escola Média Superior. No fim do curso será conferido o "Diploma em Espiritualidade".

O "*Curso anual de ajornamento*" é destinado aos Salesianos que já tenham desempenhado alguns anos de ministério, e está estruturado sobre quatro temas fundamentais: "Conhecer o homem e o mundo de hoje; abrir-se para uma reflexão teológica renovada sobre o nosso tempo; reflexão sobre a pastoral; aprofundamento e reatualização da vocação salesiana".

Com estas iniciativas o PAS encaminha-se cada vez mais para uma linha de serviço e de orientação, nos interesses da Família Salesiana.

4. Cursos de “formação permanente” junto ao Salesianum de Roma

O Dicastério da Formação Salesiana está programando “Cursos de formação permanente junto ao Centro de Estudos e Espiritualidade “Salesianum” de Roma.

Estes cursos querem oferecer aos Salesianos uma “experiência renovadora” de acordo com estas dimensões: grande empenho espiritual, experiência de vida comunitária salesiana, pesquisa e abertura pastoral, ajornamento cultural.

Prevê-se que o primeiro curso de formação permanente terá início no próximo mês de outubro, e terá uma duração quadrimestral.

5. “Encontro mundial dos Salesianos Coadjuutores”

O Conselho Superior fixou as datas e as modalidades dos encontros dos Salesianos Coadjuutores, que conforme as indicações do CGE (Atas n.º 763,4) deverão realizar-se antes em nível inspetorial, depois em nível regional e finalmente em nível mundial.

A organização dos encontros foi confiada, nos três níveis respectivamente aos Inspetores, aos Conselheiros Regionais e ao Dicastério da Formação Salesiana.

Nesses encontros, a Congregação estudará a fundo a figura do Salesiano Coadjuutor surgida do CGE, e as indicações de ação sugeridas a respeito pelo mesmo CGE.

O “Encontro mundial dos Salesianos Coadjuutores” terá lugar em Roma na última semana de março de 1975, por ocasião da abertura do Ano Santo.

6. Calendário dos trabalhos do Conselho Superior

O Conselho Superior programou sua atividade segundo um ritmo de trabalho que prevê períodos de permanência na Casa Geral alterados com períodos de visitas às Regiões.

Para os próximos anos, até 1976, foi fixado em linha de máxima este calendário:

Períodos de visitas às Regiões	Períodos de permanência na Casa Geral
15 de fevereiro - 30 de junho de 1973	1.º de julho - 30 de setembro de 1973
1.º de outubro de 1973 - 14 de janeiro de 1974	15 de janeiro - 15 março de 1974
16 de março - 30 de junho de 1974	1.º de julho - 30 de setembro de 1974
1.º de outubro de 1974 - 15 de janeiro de 1975	16 de janeiro - 15 março de 1975
16 de março - 30 de junho de 1975	1.º de julho - 30 de setembro de 1975
1.º de outubro de 1975 - 15 de janeiro de 1976	

7. Dom Coronado, novo bispo salesiano

O Santo Padre promoveu à Igreja residencial episcopal de Girardot (Colômbia) o salesiano *Dom Jesus Maria Coronado Caro*, Prefeito Apostólico de Ariari.

8. Nomeações de Inspetores

Pe. Januário Honda: foi nomeado Inspetor da Inspetoria Japonesa.

Pe. Roberto Falk: foi nomeado Delegado pessoal do Reitor-Mor para a Delegação da Coreia do Sul.

9. O "Centro de Estudos para a História da Congregação Salesiana"

Foi constituído, junto à Casa Geral, o "Centro de Estudos para a História da Congregação Salesiana". Sua finalidade é a de cobrir uma lacuna evidente neste setor e de recolher dados e indicações úteis não só para compreender o passado salesiano como também para projetar o futuro.

A atividade atribuída pelo Conselho Superior a este Centro de Estudos compreende um trabalho a longo prazo em relação à história salesiana em geral, e também um trabalho a curto prazo sobre um setor particular: a história das missões salesianas, que em 1975 celebrarão seu centenário.

Para conseguir este último objetivo, o Centro, sob a direção do Decano da Faculdade Teológica do PAS, Pe. Rafael Farina, e em colaboração com o Dicastério das Missões Salesianas, assumiu os seguintes encargos: recolher e catalogar o material editado e inédito proveniente

dos centros missionários ou já existentes nos vários arquivos; constituir uma biblioteca de revistas missionárias; preparar para 1975 uma "História das Missões Salesianas" em forma de monografia; publicar contribuições científicas várias sobre as Missões Salesianas.

O Centro de Estudos, já em atividade, por interesse dos Conselheiros Regionais está organizando, nas várias partes do mundo missionário salesiano, as pessoas e iniciativas oportunas para recolher o material a ser estudado e publicado.

10. Os Salesianos no terremoto de Manágua

O violento terremoto que na noite de 23 para 24 de dezembro passado atingiu a Nicarágua, destruindo-lhe a capital, Manágua, envolveu também a obra salesiana da cidade. Os edifícios ficaram gravemente danificados, mas não se lamentaram danos às pessoas dos irmãos salesianos.

A obra salesiana estava na periferia da cidade, em um bairro popular em fase de rápido desenvolvimento. Compreendia um edifício escolar com oficinas de mecânica, tipografia e marcenaria, freqüentado por 1.500 jovens, e uma escola elementar gratuita. Muitas outras obras de caráter social estavam para entrar em funcionamento e seriam inauguradas em janeiro. O conjunto dos edifícios encontra-se no momento gravemente danificado e chegando os prejuízos a 150.000 dólares.

Os irmãos da casa naqueles dias deram-se à assistência dos sem teto; as casas salesianas de Massaia e Granada, não muito longe de Manágua, foram colocadas à disposição das autoridades para os socorros de emergência.

Por iniciativa do Reitor-Mor, alguns salesianos da Procuradoria Missionária de New Rochelle (USA) dirigiram-se imediatamente para o lugar do desastre; também intervieram os salesianos da Venezuela; mas um pouco em todas as partes do mundo salesiano tomaram-se iniciativas de solidariedade.

Por causa também desses auxílios, e sobretudo pela dedicação dos irmãos de Manágua, o Centro Juvenil está novamente encaminhando algumas de suas atividades. Chega-nos a notícia de que nos ambientes já disponíveis do Centro abriram-se dois cursos intensivos de soldagem elétrica, para aprendizes e operários. Os cursos têm

como finalidade preparar com urgência homens que dêem a própria contribuição na pronta reconstrução da capital destruída. Neste sentido estão em preparação também cursos intensivos para eletricitistas, marceneiros, carpinteiros etc. E os jovens pouco a pouco voltam a frequentar o Centro Juvenil, e a vida aí vai lentamente caminhando para a normalidade.

Aos irmãos atingidos e em particular ao Sr. Arcebispo de Manágua, salesiano, Dom Miguel Obando Bravo enviamos (e agora renovamos nestas páginas) a mais viva solidariedade da Família Salesiana.

11. Ofertas para Manágua

Após o terremoto que destruiu a capital da Nicarágua e causou graves prejuízos também à nossa "Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios", que surge na periferia de Manágua, várias Inspetorias enviaram com solicitude ao Reitor-Mor a própria contribuição de solidariedade para os irmãos tão duramente atingidos. Eis o elenco dessas Inspetorias e suas ofertas:

Bélgica - Norte	Liras	130.000
Estados Unidos - Leste	"	309.000
Quito	"	1.240.000
Portugal	"	1.064.000
Bahía Blanca	"	300.000
Estados Unidos - Oeste	"	1.335.165
Alemanha - Sul	"	1.800.000
Madri	Pesetas	176.385

Do fundo de "*Solidariedade Fraternal*" foram enviadas ao nosso Dom Obando Bravo, Arcebispo de Manágua, 1.000.000 liras para um auxílio às necessidades daquela população.

IV. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR

1. As reuniões do Conselho Superior

Na segunda metade de fevereiro, os Conselheiros Regionais partiram pelas Inspetorias para uma segunda viagem de visitas às suas Regiões. Precedentemente, o Conselho Superior esteve ao completo a partir de meados de outubro p.p. na Casa Geral e havia enfrentado muitos problemas da Congregação.

Nos quatro meses de permanência em Roma ele teve reuniões de vários níveis, reuniões de cada dicastério, dos Conselheiros Regionais, de particulares comissões, de vários dicastérios juntos. E, mais importantes de todas, 67 reuniões plenárias.

De que se tratou nessas reuniões? Antes de tudo enfrentou-se o “governo ordinário” da Congregação; não são esses, na verdade, tempos para governo ordinário; são tempos que pedem, ao invés, uma excepcionabilidade de intervenções para os muitos problemas especiais que aparecem.

Entretanto o governo ordinário deve prosseguir, porque para muitas decisões (referentes a pessoas, obras, Inspetorias) o Reitor-Mor quer o parecer, ou deve ter o consentimento, do Conselho.

Assim o Conselho examinou, antes de tudo, as “Relações dos Conselheiros Regionais” sobre o contato que eles tiveram com as Inspetorias no seu primeiro giro. Fora o deles um giro rápido, mas suficiente para ressaltar algumas questões importantes, e agora eles pediam ao Conselho algumas indicações sobre as soluções mais adequadas. De fato, as suas relações abrangiam todo o mundo salesiano.

O Conselho Superior providenciou também acerca da nomeação de oito Inspetores. É sempre um fato importante a escolha da pessoa a quem confiar o governo de uma Inspetoria, e o é ainda mais neste tempo de renovação; precisamente por isso, o “iter” da nomeação tornou-se agora mais longo e cuidadoso. Como é sabido dos Atos do CGE, primeiro o Conselheiro Regional cumpre uma consulta geral na Inspetoria, convidando os irmãos a exprimirem sua preferência. E quando o Conselho Superior procede à eleição, fá-lo só depois de haver analisado com diligência os dados dessa consulta.

Além do trabalho ordinário, o Conselho examinou as deliberações do CIE. Já no número precedente dos Atos foi indicado o processo desse trabalho novo e nada fácil. Acrescentamos agora que as deliberações já examinadas são 46 sobre 74 Inspetorias e precisamente:

para as Regiões da Itália e Oriente Médio: Inspetoria Adriática, Lígure-Toscana, Lombardo-Emiliana, Meridional, Novaresa, Romano-Sarda, Sícula, Subalpina, Vênetas de Veneza e de Verona, e Oriente Médio;

para as Regiões da América Central e costa do Pacífico: Antilhas, Bolívia, América Central, Mexicana do México, Venezuela;

para a Península Ibérica: Barcelona, Bilbao, Córdoba, Leão, Madri e Portugal;

para a Europa Centro-Norte e África Central: África Central, Austrália, Bélgica Norte e Sul, França do Norte, Jugoslávia de Ljubljana e de Zagreb, Holanda;

para a América da costa Atlântica: Argentina-La Plata, Paraguai, Inspetorias Brasileiras de Belo Horizonte, Manaus e Recife;

para as regiões de língua inglesa: Austrália, Hong-Kong, Inglaterra, Inspetorias indianas de Bombaim, Calcutá, Gauhati, Madrasta, Irlanda, Japão e Tailândia.

O exame das deliberações dos CIE — que se retomará em julho — foi para o Conselho Superior muito útil, porque o pôs em contato com a realidade viva das Inspetorias, com o seu desejo e esforço de renovação, que em todas apareceu evidente.

2. O trabalho dos Dicastérios

O Conselho Superior discutiu além disso, e em diversos casos também aprovou, várias iniciativas propostas por cada um dos Dicastérios.

O Dicastério da Formação Salesiana prestou a sua assistência ao PAS de Roma na preparação dos programas dos novos cursos acadêmicos (deles se faz referência nas Comunicações, em o n.º 3 deste fascículo). Está, além disso, preparando o “Encontro mundial dos Salesianos Coadjutores” (de que se faz referência ainda neste fascículo, ao número 5 das Comunicações). Mais em geral visto como a formação do salesiano é confiada pelo CGE, nas suas execuções imediatas e concretas, à Comunidade Inspetorial, o Dicastério está estudando as modalidades para tornar essas comunidades sempre mais formativas.

Enfim, o Dicastério tem, em fase adiantada de estudo, um documento sobre a “Formação permanente” que nas Constituições é apresentada como um direito-dever do Salesiano. Trata-se de um fato tipicamente moderno, visando a conseguir a “formação pela mobilidade”. No passado, quando a estabilidade era a regra, era pensável uma formação adquirida uma vez para sempre. Mas na sociedade atual, onde a mobilidade investe, em ritmo incessante, a inteira contextura social, o adulto (como o jovem, de resto) não sobrevive se não “aprende a aprender”, se não se forma “para a mobilidade”. Por isso — diz-se no documento em preparação — a formação permanente deverá ser sempre mais estendida ao longo de toda a existência, desde a infância até a idade da aposentadoria.

O problema é estudado confrontando o salesiano não só na linha das orientações gerais mas também na linha da execução prática, porque colocar a Congregação em situação de formação permanente emerge como um requisito sempre mais importante para poder levar a bom termo a missão salesiana, hoje.

Para isto no “Salesianum” estão-se organizando cursos de Formação Permanente (de que se faz referência nas Comunicações, em o número 4).

O Dicastério da Pastoral dos Jovens apresentou ao Conselheiro as linhas programáticas dentro das quais entende desenvolver a sua ação, e os objetivos que se propõe obter.

Nos dias 3 e 4 de fevereiro organizou na Casa Geral um encontro de vários delegados para a escola e a pastoral dos jovens da Itália e Espanha. No encontro discutiram-se o papel e os problemas da Escola Católica numa sociedade pluralista, e foi traçado um esboço de propostas para a Escola Salesiana.

Também o Dicastério para a Pastoral dos Adultos apresentou o seu programa em Conselho. Tem em curso de desenvolvimento uma dupla pesquisa sobre os “Boletins Salesianos” e sobre as “Editoras Salesianas”, com o fim de traçar um balanço da situação, salientar os problemas que surgem e coordenar as iniciativas que se poderiam aviar em comum, na linha do CGE.

A comunicação no interno da Congregação (comunicação e enriquecimento recíproco, comunicação e troca de experiências, comunicação que se torna pesquisa comum) é também objeto de estudo do Dicastério, sobretudo por aquilo que respeita à iniciativa já agora largamente difundida dos “noticiários inspetoriais”, e pela necessidade

de aumentar no futuro a permuta das informações em nível interinspetorial e mundial.

Sempre no âmbito da Pastoral dos Adultos, está-se trabalhando sobre dois documentos de vivo interesse da Família Salesiana: um novo "Estatuto dos Ex-alunos de Dom Bosco", e um novo "Regulamento dos Cooperadores Salesianos".

A preparação do segundo documento está ainda na fase inicial, e, de acordo com os Conselhos Nacionais dos Cooperadores, está-se-lhe fixando o "iter".

Em fase de preparação muito adiantada está, ao invés, o Estatuto para os Ex-Alunos. A sua primeira redação foi enviada aos Conselhos Nacionais do movimento, que já fizeram suas observações sobre o caso. Uma reunião já iminente da Comissão Confederal dos Ex-alunos fixará agora o "iter" para chegar-se ao texto definitivo no tempo mais breve possível. Na mesma reunião serão enfrentados outros dois argumentos de interesse geral: o "Congresso dos Ex-alunos Latino-Americanos" (temas, programas, organização), e a criação de um "Noticiário internacional" para o movimento.

O Conselho Superior discutiu também o programa do *Dicastério das Missões*, aprovando-lhe as linhas diretrizes. O caminho das Missões é fundamental para a renovação, e o próximo "centenário das missões salesianas" acaba na ocasião do lançamento de várias iniciativas que já se estão preparando. Uma é a constituição do centro de estudos de "História das Missões salesianas", (de que se refere em o número 9 das Comunicações, nestes Atos).

3. Outras iniciativas do Conselho

Durante o "plenum" do Conselho Superior em Roma, alguns Conselheiros realizaram visitas a Casas e Inspetorias. Padre Raineri participou na Espanha e Portugal de reuniões de Ex-alunos e Cooperadores; Padre Castillo tomou parte na "Conferência Interamericana de Educação Católica" que se realizou em janeiro no Panamá.

Pela primeira vez a nova Casa Geral celebrou a festa de S. J. Bosco. Na tarde do dia 31 de janeiro muitos Salesianos, Cooperadores e Ex-alunos convidados tomaram parte numa concelebração presidida pelo Cardeal Confalonieri.

No dia 9 de fevereiro o Conselho Superior quis encerrar o período do seu trabalho, ao completo na sede romana, dirigindo-se em breve

romaria à Basílica de S. Pedro, e concelebrou no altar junto da tumba do Apóstolo.

Nos dias seguintes os Conselheiros Regionais puseram-se em viagem para as suas Regiões. Além deles, também os Conselheiros das Missões e da Pastoral dos jovens partiram para visitas de notável empenho. Padre Tohill por quatro meses fará visita aos dez territórios missionários da Congregação na América Latina; o Padre Castillo começou uma visita diligente a todos os aspirantados da Itália.

Também o Reitor-Mor, entre 14 e 26 de fevereiro, viajou e foi à Península Ibérica.

4. O Reitor-Mor na Espanha e Portugal

De 14 e 26 de fevereiro passado, o Reitor-Mor visitou os Salesianos da Espanha e Portugal. Acompanharam o Rev.mo Sr. P. Ricceri o Conselheiro da Península Ibérica, Sr. P. Mélida e o Conselheiro para a Formação, Sr. P. Viganó, que tomaram parte com ele em várias reuniões programadas.

As etapas da viagem foram Madri (14-18 de fevereiro), Lisboa e Porto (18-21 de fevereiro), Barcelona (21-25 de fevereiro).

Em Madri, o Reitor-Mor tomou parte na “Conferência Ibérica” e num encontro com cinco Mestres de noviços; fez também uma conferência (sobre vocações) às Filhas de Maria Auxiliadora, e outra conferência (sobre a renovação) a trezentos Salesianos que vieram para ouvi-lo.

Em Portugal, participou do Conselho Inspetorial, esteve com o Núncio da Santa Sé e visitou várias obras salesianas.

Em Barcelona, realizou uma conferência, sobre a renovação, para duzentos Salesianos e parou uns dias a meditar na quietude do sugestivo mosteiro de Montserrat.

Os dias do Reitor-Mor, ricos de encontros e intercâmbios de idéias, foram serenos mas também empenharam o Reitor-Mor (entre outras coisas o P. Ricceri teve que enfrentar o impelente e simpático assalto de 140 aspirantes de Carabanchel Alto, que juntos partiram à caça... do seu autógrafo).

A Família Salesiana da Península Ibérica apreciou muito o encontro com o Sucessor de Dom Bosco, e viu nas suas palavras de orientação, de estímulo e animação, a continuação daquele diálogo que, faz muitos anos, já havia entabulado o mesmo Dom Bosco.

V. DOCUMENTOS

1. O "Calendário próprio" da Congregação Salesiana

No dia 13 de março de 1973 a "Sagrada Congregação para o culto divino" aprovou o Calendário próprio da Sociedade de São Francisco de Sales". Apresentamos aqui o texto latino com a respectiva tradução.

a) Texto latino

SACRA CONGRAGATIO PRO CULTU DIVINO

Prot. N. 476/73 SOCIETATIS SANCTI FRANCISCI SALESII

Instante Rev. Domino Decio Baptista Teixeira, Procuratore Generali Societatis Sancti Francisci Salesii, litteris die 28 februarii 1973 datis, vigore facultatum huic Sacrae Congregationi a Summo Pontifice Paulo VI tributarum, Calendarium proprium eiusdem Societatis, prout in adiecto prostat exemplari, perlibenter probamus seu confirmamus, ut ab iis qui eo tenentur in posterum servetur.

Huiusmodi Calendarium servatur etiam in ecclesiis et oratoriis Instituti Filiarum Beatae Mariae Virginis Auxiliatricis et inseri potest sive in Calendarium Romanum generale sive in Calendarium Ecclesiae localis, iuxta electionem a Superioribus competentibus singulis in regionibus faciendam.

Contrariis quibuslibet minime obstantibus.

Ex aedibus Sacrae Congregationis pro Cultu Divino, die 13 martii 1973.

ARTURUS Card. TABERA, *Paeffectus*

A. BUGNINI, Archiep. tit. Diocletianen., *a Secretis*

SOCIETATIS SANCTI FRANCISCI SALESII
CALENDARIUM PROPRIUM

IANUARIUS

24 *S. Francisci de Sales*, ep. et Eccl. doct., Societatis Tituli, *festum*

31 *S. JOHANNIS BOSCO* presb., Societatis Fundatoris, *solemnitas*

FEBRUARIUS

- 1 Commemoratio sodallium defunctorum Societatis

MAIUS

- 6 *Dominici Savio, festum*
13 *S. Mariae Dominicae Mazzarello virg., Instituti Filiarum Mariae Auxiliatricis fundatricis, festum*
24 B. MARIAE VIRG. titulo AUXILIUM CHRISTIANORUM, Societatis Patr. Princ., *Solemnitas*

IUNIUS

- 23 *S. Ioseph Cafasso presb., memoria*

OCTOBER

- 29 *B. Michaelis Rua presb., memoria*

b) Nossa tradução

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO
Prot. N. 476/73 DA SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES

Conforme pedido feito pelo Sr. Pe. Décio Batista Teixeira, Procurador Geral da Sociedade de São Francisco de Sales, com carta do dia 28 de fevereiro de 1973, em virtude da faculdade concedida pelo Sumo Pontífice Paulo VI a esta Sagrada Congregação, de boa vontade aprovamos e confirmamos o Calendário próprio dessa Sociedade, anexo a esta, para que de agora em diante seja seguido por aqueles que a isso estão obrigados.

Este Calendário deve ser seguido também nas igrejas e oratórios do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e pode ser inserido quer no Calendário Romano geral quer no Calendário das Igrejas locais, segundo decisão a ser tomada em cada região pelos Superiores competentes.

Com esta disposição ficam abrogadas todas as disposições contrárias anteriores.

Dado pela Sagrada Congregação para o Culto Divino, no dia 13 de março de 1973.

ARTUR CARD. TABERA, *Prefeito*

A. BUGNINI, ARCEB. TIT. DE DIOCLECIANA, *Secr.*

CALENDÁRIO PRÓPRIO DA SOCIEDADE
DE SÃO FRANCISCO DE SALES

JANEIRO

- 24 *São Francisco de Sales*, bispo e doutor da Igreja, Titular da Sociedade, *feira*
31 SÃO JOÃO BOSCO sacerdote, Fundador da Sociedade, *solenidade*

FEVEREIRO

- 1 Comemoração dos irmãos defuntos da Sociedade

MAIO

- 6 *São Domingos Sávio*, *feira*
13 *Santa Maria Domingas Mazzarello* virgem, Fundadora do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, *feira*
24 NOSSA SENHORA AUXILIADORA, Padroeira principal da Sociedade, *solenidade*

JUNHO

- 23 *São José Cafasso* sacerdote, *memória*

OUTUBRO

- 29 *Bem-Aventurado Miguel Rua* sacerdote, *memória*

2. **Carta do Reitor-Mor aos Salesianos do México**

Por ocasião do 80.º aniversário da chegada dos primeiros Salesianos ao México, o Reitor-Mor enviou aos Irmãos das duas Inspetorias Mexicanas a seguinte carta:

Amadíssimos Irmãos e filhos,

Encontramo-nos ainda imersos na serena luminosidade salesiana da beatificação do Pe. Rua, enquanto disponho-me a escrever-lhes uma carta comemorativa do 80.º aniversário da chegada dos primeiros Salesianos a essa admirável terra mexicana, abençoada desde os albores de sua História pela presença de Nossa Senhora a Virgem de Guadalupe, Patrona do México e das Américas.

É uma feliz coincidência o poder assinar esta carta no mesmo dia em que pudemos contemplar nosso bem-aventurado Miguel Rua

na glória dos altares: Miguel Rua, primeiro sucessor de Dom Bosco, que exatamente há oitenta anos, em outubro de 1892, decidiu enviar o primeiro grupo de Salesianos ao México. Esta coincidência é para nós motivo de alegria e de confiança.

O dia 1.º de dezembro de 1972 é uma data memorável para o México e para toda a Congregação. Nesse dia recordaremos com feliz memória os oitenta anos da chegada ao México daquele primeiro grupo de Salesianos, cinco ao todo, chefiados pelo seu dinâmico diretor Pe. Angelo Piccono. A presença de um clérigo e de um coadjutor dava ao grupo as características de uma autêntica comunidade salesiana.

Olhando as coisas em determinada perspectiva, pareceria que o envio de um grupo tão pequeno seria desproporcionado à enorme tarefa que se lhe apresentava aos olhos, e ao imenso afeto de muitíssimos mexicanos que, com longa e ansiosa espera, sonhavam por sua chegada. Mas o Pe. Rua pensava, como Dom Bosco, que um pequeno grupo de Salesianos profundamente apaixonados pela juventude é capaz de imprimir à própria ação um dinamismo incontido, como Dom Bosco que dizia: “Nas coisas que são de vantagem para a juventude periclitante ou que servem para ganhar almas a Deus, avanço até a temeridade” (MB 14, 662).

Caríssimos, a presente comemoração salesiana nos obriga a concentrarmo-nos numa meditação sobre o passado, e noutra sobre o futuro.

Meditação sobre o passado para evocar as grandes figuras que nos precederam; grandes figuras como aquela de Dom Piani e tantos outros generosos Salesianos que construíram com o próprio suor e a mesma vida a história viva da Congregação Salesiana no México. Eles vos deixaram em herança, o espírito dos primeiros tempos, e abriram os caminhos para a ação salesiana. Não podemos esquecer: devemos tomar consciência do nosso contato vital com aqueles que foram os primeiros dessa bela aventura salesiana.

E quem poderá esquecer, nesta meditação sobre o passado, a dolorosa prova que dispersou nossos Irmãos e levou a Congregação no México a uma morte aparente? Anos difíceis e heróicos, que todavia preparavam o esplêndido despertar, a hora da reconstrução, quando com novo vigor renasceram para a nova vida as Inspetorias Mexicanas.

Olhando o passado sentimos necessidade de transformar esta recordação em uma comovida ação de graças ao Pai que está nos céus, a

Maria Auxiliadora “que tudo fez”, e a Dom Bosco, inspirador dessa página viva salesiana.

Mas, não há dúvida que se nos impõe também uma meditação sobre o futuro; meditação que é facilitada pelo folhear das páginas do nosso Capítulo Geral Especial. Para sermos autênticos construtores do futuro e criadores de um “mundo novo”, o nosso Capítulo Especial nos convidou a renovarmo-nos rapidamente segundo a tríplice linha da Vocação Salesiana, que é: juvenil, popular, missionária.

Os esplêndidos documentos capitulares, e a reflexão das Inspetorias sobre os mesmos temas, me eximem de me deter a examiná-los um a um. Todavia seja-me concedido em vista do trabalho dos próximos anos assinalar-vos e colocar em relevo uma prioridade, que já está no coração de todos: *intensificar a ação vocacional e formativa*.

O desenvolvimento vertiginoso do México, país jovem como todos os da América Latina, exige que multipliquemos nossa presença, que é presença da Igreja em melo à juventude. As tradições missionárias do México salesiano e as necessidades urgentes da Igreja missionária, e, em concreto, das Missões salesianas, exigem uma resposta rápida. Estes, entre outros motivos justificam meu convite.

Esse dinamismo vocacional, para cuja realização convido as Inspetorias mexicanas, supõe uma cuidadosa pastoral juvenil “pós capitular”, e ações específicas para criar uma mística vocacional em derredor da missão salesiana; mas exige, acima de tudo, que se tome consciência do caráter de prioridade da formação, e da importância decisiva do conhecimento pessoal e comunitário da própria vocação, em cada pastoral vocacional.

Toda essa consciência da vocação salesiana supõe, hoje mais que nunca, como recordei na apresentação das linhas de atuação prática do Capítulo Geral Especial (Cfr. Documentos, p. XIII) que o Salesiano e as Comunidades cheguem a descobrir o sentido de Deus em sua vida e na sua ação. É a redescoberta daquilo que Dom Bosco, na linguagem do seu tempo, chamava o sobrenatural. A missão do Salesiano adquirirá todo o seu profundo vigor se ele se apresentar aos olhos dos jovens como “um homem habitado pelo Espírito”, e a Comunidade como uma realidade profundamente ancorada em Deus. Deste modo a vida do Salesiano e o trabalho das comunidades constituirão um chamado para os destinatários da nossa missão, e exercerão seu imprescindível papel na Pastoral Vocacional salesiana e na criação de uma Comunidade Inspetorial realmente formativa.

É esta, pois, a lembrança que deixo às Inspetorias Mexicanas, persuadido de que deste modo o México salesiano responderá nos próximos anos ao seu extraordinário destino, e poderá ajudar os seus irmãos de outras latitudes.

A resposta está em vossas mãos. Que este meu apelo, por ocasião dos oitenta anos da chegada dos primeiros salesianos ao México seja o início de sua vigorosa ação de acordo com as linhas indicadas.

Não posso concluir sem salientar o papel tão importante desenvolvido pelos nossos amadíssimos cooperadores no acontecimento que hoje recordamos. Eles, ainda antes da chegada dos Salesianos, criaram no povo mexicano uma intensa simpatia por Dom Bosco, e trabalharam incansavelmente para tornar possível a ida de seus Filhos ao México. A eles nossa grata recordação, e o nosso convite para que continuem a confortar-nos com sua presença ativa e generosa na “missão”.

Como sucessor de Dom Bosco, quero estar muito perto de vós na celebração desta feliz comemoração, por ocasião da qual, com alegria e esperança, envio minha bênção a toda a Família Salesiana do México, aos nossos Irmãos, aos Alunos e Exalunos, Cooperadores e Amigos como penhor de paterno afeto.

Afeiçoadíssimo

PE. LUÍS RÍCCERI

Reitor-Mor

VI. MAGISTÉRIO PONTIFÍCIO

1. A Unidade da Igreja, dom divino e obrigação humana

No dia 24 de janeiro, por ocasião da “semana de oração pela União dos Cristãos”, Paulo VI fez o seguinte discurso sobre aquilo que definiu como “um dos dois grandes problemas da Igreja — o problema do ecumenismo”.

Hoje, Irmãos e Filhos caríssimos, um pensamento — ou seja, uma idéia, uma verdade, uma realidade — acende-se diante dos olhos do nosso espírito, atrai os nossos olhares, absorvendo-os e, ao mesmo tempo, enchendo-os de entusiasmo e de afã, como acontece exatamente com as realidades que captam o amor.

Qual é este pensamento? É o da unidade da Igreja. Apenas compreendido o seu significado geral, ele apodera-se de nós, dominando-nos. A unidade: esta idéia impõe-se imediatamente pela sua força lógica e metafísica. Quando se refere à Igreja, ou seja, à humanidade chamada por Cristo para ser uma só coisa com Ele e em si mesma, encanta-nos pela sua profundidade teológica, mas, depois, atormenta-nos por nos apresentar o vulto histórico da Igreja, de ontem e também de hoje, ensanguentado e sofredor, como o de Cristo crucificado. Repreende-nos e desperta-nos, como um som de trombeta, o qual nos chama com a urgência de uma vocação que se torna atual e característica no nosso tempo.

O pensamento da unidade brilha sobre o cenário do mundo, borri-fado pelos membros excelentes, mas separados, e também pelas ruínas de tantas Igrejas, algumas isoladas como se fossem auto-suficientes; outras, fraccionadas em centenas de seitas; todas arrastadas agora por duas forças que se opõem reciprocamente numa tensão emocionante. Uma destas tensões é centrífuga, autonomista, com tendência a fugir para metas cismáticas e heréticas; a outra é centrípeta, e exige com nostalgia sempre renovada a recomposição da unidade que Roma, não isenta certamente de culpas e cheia por si mesma de uma responsabilidade imensa, se obstina em afirmar e promover, como dever seu que se assemelha ao do testemunho e ao do martírio, com uma atitude materna e, ao mesmo tempo, impávida; postula a força autenticamente ecumênica e unitária, que vai à procura do seu princípio e do seu centro; reclama a base que Jesus Cristo, verdadeira pedra básica do edi-

fício eclesial, escolheu e fixou para O representar, significando e perpetuando o fundamento do Seu reino.

O pensamento da unidade, digamos ainda, reflete-se no foro interno de tantas almas meditativas e religiosas, suscitando nelas este problema espiritual: como corresponde eu ao imperativo da unidade?

Creio na Igreja "Una"

"Eu creio na Igreja, una, santa, católica e apostólica". Muitas vezes, estas palavras da nossa Profissão de Fé sobem aos nossos lábios, durante as nossas orações públicas e privadas. E, também muitas vezes, devemos considerá-las e meditá-las, porque exprimem esta grande verdade: "Cristo constituiu na terra e incessantemente sustenta a Sua Santa Igreja, comunidade de fé, de esperança e de caridade" (1). Comunicando-nos, por meio dela, o Seu Espírito, Cristo opera em nós e conosco no mundo, para a Sua salvação. "A Igreja é, em Cristo, como um sacramento ou sinal e instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano" (2).

Lemos e ouvimos freqüentemente as palavras do Apóstolo São Paulo: "Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados pela vossa vocação a uma só esperança. Não há mais que um só Senhor, uma só fé, um só baptismo. Há um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, que age por todos e habita em todos" (3). "Todos vós sois um em Cristo" (4). "Há diversidades de dons, mas um só Espírito. Os ministérios são diversos, mas um só é o Senhor. Há também diversas relações, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos" (5). "Reine nos vossos corações a paz de Cristo, para a qual fostes chamados a fim de formar um só corpo" (6). E sobretudo as palavras sublimes do Senhor impelem-nos irresistivelmente "para que todos sejam um, assim como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti, para que também eles estejam em Nós e o mundo creia que Me enviaste" (7).

Estas palavras de nosso Senhor e do Seu grande Apóstolo têm um valor universal. Estão destinadas a tocar as mentes e os corações de

(1) LG, 8.

(2) LG, 1.

(3) Ef 4, 4-6.

(4) Gál 3,28.

(5) 1 Cor 12,4-6

(6) Col 3,15.

(7) Jo 17,21

todos os cristãos, a constituir fonte de inspiração e a orientar as actividades de todos os que trazem o nome de Cristo. Recordam-nos o dom divino da unidade, mas, ao mesmo tempo, também a obrigação que os homens têm de procurar a unidade. O II Concílio do Vaticano, resumindo, por assim dizer, a própria doutrina sobre o mistério da Igreja, diz: “Esta é a única Igreja de Cristo, que no Símbolo confessamos una, santa, católica e apostólica; que nosso Salvador, depois da Sua ressurreição, entregou a Pedro para apascentar (Jo 21, 17) e confiou a ele e aos demais apóstolos para a propagar e reger (Mt 28, 18 ss.), levantando-a para sempre como coluna e fundamento da verdade’ (1 Tim 3, 15)” (8).

As comunidades, imagens da Igreja Una

As cartas de São Paulo, que acabamos de citar, encerram uma teologia profunda, mas não constituem um tratado teórico. Referiam-se à situação concreta das Igrejas de Éfeso, Corinto e Colossos. Na oração sacerdotal pela unidade, Jesus dirigia-se ao círculo íntimo dos Seus apóstolos, mas referia-se a todos aqueles que, por meio da pregação dos apóstolos, haveriam de crer n’Ele. Portanto, se os princípios enunciados por Jesus e pelo Apóstolo possuem um valor universal, ou seja, para todos os cristãos de todos os tempos, eles são atuados concretamente em comunidades particulares e através destas mesmas comunidades.

A unidade, que é um verdadeiro dom de Cristo, desenvolve-se e cresce na situação concreta, representada pela vida das comunidades cristãs. A compreensão do importante papel das comunidades particulares, das Igrejas particulares, foi claramente formulada pelo Concílio: “Os bispos individualmente são o princípio visível e o fundamento da unidade, nas suas Igrejas particulares, formadas à imagem da Igreja universal, nas quais e pelas quais subsiste a Igreja católica, una e única” (9).

Com efeito, a unidade da Igreja, que, no carisma histórico da Igreja católica inteira e, especificamente, na romana, é já uma realidade, apesar das deficiências dos homens que a compõem como dissemos, ainda não é completa nem perfeita no âmbito estatístico e social do mundo, ou seja, não é universal. Unidade e catolicidade não se

(8) LG, 8.

(9) LG, 23.

igualam mutuamente, tanto na esfera que mais exige esta correspondência, a esfera dos que foram baptizados e crêem em Cristo, como principalmente naquella humanidade inteira que vive sobre a terra, onde a maior parte dos viventes ainda não aceitou o Evangelho.

Os dois grandes problemas da Igreja são o ecumênico e o missionário. Ambos são problemas realmente dramáticos.

Hoje, referimo-nos ao primeiro, o da união dos cristãos numa única Igreja.

Uma das vias de solução, embora já conhecida, longa, delicada e difficil, é sem dúvida, como desejamos indicar, o dever de interessar as Igrejas locais na questão ecumênica, é a possibilidade de o fazer, em harmonia, entende-se, se não quisermos piorar a situação em vez de a melhorar, com a Igreja universal e central.

Vemos, assim, quanto é importante que as Igrejas particulares da comunhão católica dêem o devido valor às suas tarefas e às suas características responsabilidades ecumênicas.

Por meio da Igreja particular, a Igreja católica está presente no âmbito local e regional, no qual vivem e operam também as outras Igrejas e Comunidades cristãs. Muitas vezes, a instauração de contactos e relações fraternas revela-se mais fácil neste contexto.

Por conseguinte, exortamos de todo o coração todos os nossos Irmãos e Filhos a contribuírem para que o compromisso de trabalhar pela unidade dos cristãos se torne parte integrante da vida também das Igrejas particulares.

Comunidades que se abrem, uma à outra

“O diálogo de caridade”, expressão de que tanto gostava o nosso venerado e chorado Irmão, o Patriarca Ecumênico de Constantinopla, Atenágoras I, pode ser realizado plenamente entre pessoas e comunidades que estão em freqüente contacto recíproco, compartilham sofrimentos e esperanças, se abrem umas às outras, e, juntas, ao Espírito que opera nelas, no curso das experiências concretas que fazem.

A catolicidade e a unidade da Igreja manifestam-se na capacidade das Igrejas particulares e do conjunto delas de se radicarem em mundos, tempos e lugares diversos; e de se encontrarem, em cada um destes mundos, tempos e lugares, em comunhão recíproca.

A unidade em nível local é sempre um sinal e uma expressão do mistério da unidade, que constitui um dom do Senhor à Sua Igreja. As Igrejas particulares podem contribuir, com as suas experiências, para o enriquecimento do movimento ecumênico no seu conjunto, podem oferecer um contributo fecundo a toda a Igreja. Receberão, ao mesmo tempo, sugestões e diretrizes, provenientes do Centro da unidade, ou seja, da Sé Apostólica, “universo caritatis coetui praesidens”, que preside à assembléia universal da caridade (10), para serem ajudadas nos seus problemas e para saberem julgar a validade e a fecundidade das próprias experiências.

“Creio na Igreja una” — esta profissão de fé leva-nos, então, a consagrarmo-nos à causa da unidade dos cristãos, com todo o ardor de que somos capazes e com todas as possibilidades que a vida da Igreja nos oferece em muitos níveis.

Caros Filhos, nesta Semana de Orações pela Unidade, comum a todos os cristãos, peçamos juntos perdão pelos erros cometidos contra este grande dom que supera qualquer merecimento nosso. Unamo-nos de coração, com a sublime prece de Jesus, que dirigiu, como sacerdote e como vítima, ao Pai, pela Sua Igreja: “Para que todos sejam um, assim como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti, para que também eles estejam em Nós e o mundo creia que Tu Me enviaste”.

2. Todos estamos empenhados em conter ‘a droga’

No dia 18 de dezembro, o Papa recebeu 150 animadores sociais empenhados na luta contra os entorpecentes no meio dos jovens das escolas. Nessa ocasião fez-lhes um discurso de indubitável interesse para os salesianos que trabalham entre os jovens.

Damo-vos as nossas paternais boas-vindas, e estamo-vos grato porque, com este encontro, nos dais a possibilidade de vos expor as nossas preocupações, que são igualmente as vossas, em relação a um problema que também muito nos interessa: o problema dos alucinógenos. Hoje, porém, não queremos perder esta ocasião para associar à vossa preocupação também a nossa, a fim de despertar a atenção pública sobre um fato de costume, que não pode, durante mais tempo, deixar de ser examinado. É um apelo que também nós dirigimos a todos os homens de boa-vontade.

(10) Ign. ad Rom. Inscr.

A preocupante difusão da droga entre os jovens e os adolescentes constitui para nós um motivo de profunda tristeza, sobretudo pelo fato de comprometer nas suas existências as energias espirituais e intelectivas, o que, se o fenómeno não for de qualquer modo detido, acabará bem cedo por ter funestas consequências na comunidade humana, quando as novas gerações, fatalmente perturbadas nos seus ideais e nas suas energias, se encontrarem, por sua vez, em lugares de responsabilidade.

Perigo de proporções colossais

Está provado, de fato, e vós bem o sabeis, que a droga, além dos seus efeitos mais imediatos, já de per si graves, da distorsão das percepções sensoriais, do enfraquecimento das funções psíquicas centrais, de longas manifestações de apatia e depressão, com formas de desequilíbrio que podem mesmo chegar a manifestações de tipo psicótico, traz consigo, a curto prazo, até uma dependência psíquica, que liga o sujeito à droga como se fosse a solução mais agradável e simples, no princípio, mas dramática, em seguida, das suas dificuldades. Daqui, é bastante curto o passo para a completa aridez espiritual, para a perda de todos os ideais, para o sucessivo contacto com drogas cada vez mais fortes e com o mundo que lhe é solidário. No âmbito da pesquisa científica já surgiu a hipótese de que algumas drogas possam deixar vestígios dolorosos até nos filhos. Vós sabeis muito bem todas estas coisas.

Perante um perigo de proporções tão insidiosas e colossais, a vós, Animadores sociais, que escolhestes, com inteligente tempestividade, como expressão de caridade cristã e de humana solidariedade este campo específico; a todos aqueles que direta ou indiretamente, mediante o estudo, a assistência, as propostas de lei, as iniciativas de prevenção ou de reabilitação, querem empenhar-se na luta contra esta nova chaga social, gostaríamos de confiar algumas reflexões óbvias.

Omitimos a análise da atração hedônica, ou seja, da tentação de prazer e de curiosidade da experiência que a droga, assim como outras coisas sensivelmente agradáveis e proibidas, podem exercer sobre os ânimos inexperientes da juventude.

Observemos, de preferência, o fenómeno da droga: tendo-se tornado gigantesco, chegando agora a assumir proporções preocupantes. foi, certamente, preparado e favorecido há já algum tempo, por motivos profundos que talvez tivessem passado despercebidos à investiga-

ção pedagógica, quanto ao seu poder de incidência, como às vezes acontece com os primeiros sintomas das doenças graves.

As verdadeiras causas e os primeiros responsáveis

Parece que as causas mais verdadeiras se devem procurar no descontentamento e na falta de confiança dos jovens em relação à geração adulta, acusada de se permitir coisas que, a eles, proíbe (cfr. “proibido aos menores”) e de promover falsos valores, incoerências de vida, exclusivas preocupações de ganho, tolerância e insensibilidade perante o próprio hedonismo e perante as injustiças para com os outros. Nestas condições de aborrecimento, na impossibilidade de mudarem sozinhos o sistema, talvez depois de terem procurado o diálogo e respostas no âmbito familiar, escolheram a fuga e a evasão de tudo, procuraram grupos em que se pudessem reconhecer a si mesmos e aos quais pudessem pertencer. E é ali que facilmente se encontram com a droga, erigida como símbolo de recusa, usada como fator de compensação e instrumento de camaradagem. Este fenómeno de isolamento é acelerado por uma boa dose de curiosidade e de exibicionismo.

Essa chamada à responsabilidade que os jovens fazem à geração adulta nem sempre é objetiva, mas, inegavelmente, leva a um novo exame do nosso comportamento, dos nossos sistemas educativos, dos nossos ideais, das nossas idéias. Talvez nos tenhamos preocupado demasiadamente em dar aos filhos bem-estar e possibilidade de estudo e muito pouco em os formar gradualmente para as responsabilidades da vida, em os apaixonar por ideais e por interesses de ação, desde a tenra idade. Hoje, o encontro do jovem com a realidade exige exercício, compromissos de valor e uma certa disposição ao sacrifício.

Talvez se tenha errado ao organizar o diálogo entre pais e filhos no período da adolescência. Talvez os pais não tenham sabido oferecer aos filhos a possibilidade de proporem perguntas com franca e serena liberdade, e não lhes tenham apresentado as suas propostas moralmente tonificantes, defendendo-se, algumas vezes, do colóquio moral, como se tivessem sido agredidos. Deste fato, nasceu uma situação de recíproca falta de confiança, que levou ao afastamento afetivo do jovem em relação aos pais, a ponto de o induzir à busca, freqüentemente desregrada, de um grupo estranho à família, onde, encontrando-se à vontade, lhe vem a faltar a possibilidade de se livrar dos seus influos negativos.

O fenômeno da droga, porém, não existiria ainda, pelo menos com as atuais proporções, se não existisse também uma completa rede de conspiradores responsáveis: os produtores clandestinos e os intermediários das novas substâncias, cujos lucros, segundo dizem, são incalculáveis. São eles os primeiros responsáveis das centenas de milhares de existências que se encontram irremediavelmente minadas. E parece-nos quase inacreditável que estes intermediários paguem a mensageiros e a distribuidores para darem a conhecer e a provar gratuitamente as substâncias, com a pérfida convicção de que os jovens, depois das primeiras experiências, se tornarão consumidores habituais.

As drogas não levam a Deus

Além disso, o que, no mundo dos jovens, consegue dar uma certa justificação ideal e um sabor de aventura, ao uso destas substâncias é também um conjunto de idéias de aparente conteúdo filosófico e até místico: o homem, como se diz, está para ser subjugado pelo seu tecnicismo e pela sua inquietação interior; o único meio para sair deste estado de insatisfação e encontrar horizontes mais pessoais e mais autênticos é o recurso à droga, que dilata a consciência, escava no íntimo e leva para horizontes interiores, que a vida moderna tornou inacessíveis; verificar-se-ia, então, o encontro com mundos superiores, que determinam no sujeito um estado onírico, que tem sabor de divino.

Não há quem não veja a subtil insídia destas auto-sugestões. A este propósito, bastaria recordar o que a ciência afirma sobre a acção bioquímica da droga introduzida no organismo. Gostaríamos de saber por vós, que estais bem informados, a descrição desses fenômenos. Dizem-nos que é como se o cérebro fosse atingido violentamente: todas as estruturas da vida psíquica ficam alteradas sob o choque desses estímulos excepcionais e desordenados. O indivíduo sai destas experiências com as faculdades mentais ainda em estado de confusão; recorda apenas algumas imagens absurdas e fantásticas, que desaparecem bem depressa, como acontece com um sonho. Ora, é impossível pensar que um indivíduo nestas condições, mais ou menos habituais, possa, amanhã, dar orientações a uma nova sociedade ou, muito menos, oferecer a própria colaboração em setores de responsabilidade.

Quanto ao carácter religioso e místico que assumiria a experiência da droga, a ponto de levar, segundo alguns teóricos, a ouvir Deus, queremos pôr em guarda contra o enorme equívoco em que se funda esta afirmação. A experiência autenticamente religiosa e o contato espiritual com Deus são frutos de lucidez e de atividades mentais em

plena consciência; são tensões e ascensões nos caminhos do conhecimento intuitivo, que, na maior parte das vezes, custam sacrifício e exigem sempre um exercício de autocontrole. Pelo contrário, o recurso aos estupefacentes “impressiona profundamente o espírito humano e compromete a sua delicadíssima receptividade, em relação ao misterioso influxo interior do Espírito Divino”. Se, em culturas arcaicas e pré-científicas foram atribuídos a algumas drogas poderes de êxtase, isto dependeu do fato de ainda não serem conhecidos os princípios psico-ativos de algumas plantas: hoje sabe-se que aquelas exaltações sensoriais e psíquicas não eram mais do que modificações dos centros nervosos, produzidas por estímulos químicos; motivo por que hoje já não é possível para manter a tese do aumento do potencial ascético-místico por meio da droga, apelar para o uso que dela fizeram os povos primitivos, antes e durante a oração às divindades.

As drogas são uma fuga inadequada

Há um ponto que, nesta altura, somos levado, espontaneamente, a pôr em relevo. Trata-se do seguinte: embora admitindo que os jovens cheguem a estas formas de evasão para manifestar o seu desacordo em relação à sociedade, observamos que o caminho que eles escolheram é absolutamente inadequado para sair da presente situação social. Eles, em consequência da droga, estão-se a empobrecer, cada vez mais, quanto a ideais e a energias; a sua atitude limita-se a uma crítica hostil e inerte, dirigida contra uma sociedade que, já por si mesma, deveria considerar-se doente; eles encontram-se na impossibilidade de propor alternativas e remédios. Trata-se, portanto, de uma desaprovação sórdida e quase cruel, de que, certamente, a comunidade não pode esperar nada de construtivo.

Nenhum destes jovens drogados, de facto, parece ter podido sair das suas experiências alucinantes fortificado nos ideais de bem, enriquecido de programas como, por exemplo, contra a miséria e a fome. Nenhum deles partiu para o Terceiro Mundo a fim de se consagrar totalmente àqueles povos necessitados; nunca se encontraram jovens que usam a droga ao lado dos que sofrem de convulsões, dos atrasados físicos ou mentais, dos anciãos, em generosa oferta de assistência e de conforto.

A este propósito, é bastante significativo o confronto com outra categoria de jovens; a dos ricos em ideais espirituais e humanos, os quais, justamente porque desejam corrigir os erros e as injustiças da comunidade, na qual se encontram integrados como partes responsá-

veis, sentem a necessidade de possuir metas claras, ideais de compreensão e de empenho; a sua crítica é construtiva, feita de propostas e de esforços pessoais. Entre eles, a droga dificilmente consegue introduzir-se.

Que fazer? Antes de tudo informar.

Após estas considerações, ainda somos levado a perguntar: que se deve fazer para deter e reduzir esta terrível difusão de produtos tóxicos? Primeiro que tudo, é indispensável mobilizar, como se está a fazer, principalmente da vossa parte, a opinião pública, por meio de uma clara e precisa informação sobre a natureza e sobre consequências reais e perniciosas da droga, contra aqueles mal-entendidos que andam em circulação sobre a sua imaginária inocuidade e sobre os seus benéficos influxos.

Este dever de informação cabe, sobretudo, a quem dirige as escolas e as associações da juventude, de todos os tipos; trata-se de recorrer a todos os meios de comunicação social, particularmente adequados para pôr em guarda o mundo juvenil. Não se deveriam omitir lições de preparação para pais, a fim de saberem prevenir oportunamente situações de fuga da família e assistir eventuais casos de filhos drogados; deveriam começar a existir cursos obrigatórios de toxicologia para aqueles que se preparam para o ensino: não deveriam faltar nas escolas médias e médias-superiores aulas de atualização sobre o problema.

Poderiam servir de ajuda algumas transmissões de rádio e televisão bem idealizadas, ou impressos sem muitas pretensões, fáceis e capazes de serem compreendidos pelos jovens leitores e também do gosto deles. Também seria útil recorrer periodicamente, nos Círculos da juventude ou nas Reuniões dos pais e professores, a encontros de atualização com peritos na matéria, a fim de estarem constantemente informados sobre a evolução do fenómeno e sobre as modalidades com que a droga se introduz nos nossos ambientes de vida.

Não somos da opinião de algumas pessoas segundo as quais este tipo de informação precoce e programada, evidentemente se for feita com muito tato, possa tornar-se uma forma de propaganda e de estímulo para a droga. Perante um fenómeno com o qual o jovem, mais cedo ou mais tarde, deverá forçosamente encontrar-se, o remédio mais construtivo consiste em lho apontar tempestivamente, pondo-o, ao mesmo tempo, em condições de clareza e de vontade para poder rea-

lizar uma autodefesa responsável. O bom êxito da informação dependerá, não há dúvida, também da arte de informador. Poderá sempre existir como acontece em todos os outros tipos de indicação preventiva, alguém que se aproveite da notícia atraente, por curiosidade e por aventura. Pelo menos, porém, evita-se que o jovem caia no mundo da droga quase sem dar por isso.

Que fazer? Leis oportunas

Um contributo decisivo neste programa de diminuição e de regresso do fenómeno deveria, além disso, vir de normas legislativas, redigidas propositadamente para as várias drogas, que são bastante diversas entre si quanto à natureza e ao efeito, e segundo as modalidades com que são distribuídas entre os jovens. Fazemos votos, também, por que, ao lado de uma ação concorde de fiscalização e de repressão contra os produtores e os despachantes clandestinos de droga, seja estabelecida uma ação moderna, devidamente organizada mesmo localmente, de prevenção e de cura, por meio de centros que se proponham encontrar os intoxicados, por meio de secções médicas especializadas, distintas dos hospitais de psiquiatria, ou mediante tratamentos em casa ou em policlínicas. Talvez se devam prever algumas normas de assistência especial aos jovens intoxicados, normas estas que, assegurando à autoridade sanitária a possibilidade de iniciar e levar a termo um sério tratamento de desintoxicação, não constituam para o jovem motivo de fugir à necessária terapêutica. Os especialistas neste campo saberão o que há a fazer.

Para este fim, será oportuno orientar as normas de modo que, embora reconhecendo uma certa responsabilidade também naquele que usa as drogas ocasionalmente, seja clara a grande diferença que existe entre ele e aquele que negocia com elas, com fins lucrativos. No primeiro, com muita frequência, prevalece um estado de doença física e psíquica, de que deve ser libertado; no segundo, verifica-se a vontade de fazer mal, embora sabendo que estão em jogo valores altíssimos, tanto pessoais como sociais.

É isto o que desejamos confiar-vos, embora já conheçais todas estas coisas, devido ao cuidado pastoral que nos enterra como que um espinho no coração, ao pensarmos num flagelo agora tão difundido e ameaçador.

Com as nossas reflexões, temos a esperança de vos ter confirmado na vossa vontade de empenho e de socorro, que vos distingue; e ao

congratularmo-nos convosco pela atenção que dedicais ao problema, apelamos convosco a todas as forças válidas, para pôr limites a um mal que põe em perigo a querida juventude e a sociedade de amanhã.

3. Ensinaamentos comuns e também verdades formidáveis!

“Filhos caríssimos — como vedes — são ensinaamentos muito comuns e mais ou menos conhecidos de todos; mas trata-se de verdades formidáveis e elevadíssimas...”: assim Paulo VI definiu, dia 7 de fevereiro passado, os Discursos que faz nas Audiências de cada quarta-feira: audiências sempre muito concorridas, porque o Papa transmite aos fiéis as suas reflexões com confiança de pai, com fala tranqüila, mas com respostas decisivas aos problemas muitas vezes angustiantes do homem moderno.

Eis uma seleção das “meditações” mais recentes do Papa.

a) O HOMEM MODERNO NÃO TERÁ MAIS NECESSIDADE DE DEUS?

(Discurso de Paulo VI na Audiência de 17 de janeiro de 1973)

Por que vindes a este encontro? Que procurais naquele que sente satisfação em vos receber, em vos conhecer, em vos dirigir a palavra, em se ver no meio de vós? Um homem singular, um fenômeno histórico, uma testemunha que grita no deserto?

Sabemos que vindes aqui não simplesmente para procurar, mas sim para encontrar. Para encontrar uma pessoa que, embora talvez nunca tenhais visto ou falado com ela, conheceis muito bem, como um pai, um irmão de todos, um amigo, um mestre, um representante daquele Cristo ao qual vós mesmos pertenceis e do qual trazeis, como cristãos, o nome e os traços, um ministro d’Ele, um sucessor daquele a quem Jesus confiou as chaves, ou seja, os poderes daquele reino dos céus, daquela religião que Ele tinha vindo instaurar e fundar como uma sociedade nova, visível, espiritual e universal, a Igreja, e construí-la exatamente sobre aquele homem humilde, depois daquele momento chamado Pedro, a base, o centro, o princípio constitutivo do edifício, o servidor, o pastor da humanidade autenticamente unida ao próprio Cristo.

Sim, vindes a nós porque credes e sabeis que a Igreja está aqui, na sua expressão mais genuína e característica, como disse Santo Ambrósio: “ubi Petrus, ibi Ecclesia”, onde está Pedro, aí está a Igreja.

Tudo isto, é claro, independentemente da exigüidade e da indignidade da pessoa física que neste momento vos fala: o que é muito mais belo e consolador, exatamente por causa do sentido religioso que aqui vos traz.

A ausência de Deus

Por que belo e por que consolador? Porque isto está em contraste com uma atitude, também ela característica e difundida em determinados casos, no mundo moderno. Trata-se de uma atitude negativa em relação a tudo o que se refere à religião, à fé, à Igreja, a Cristo, a Deus. Gostaríamos que, neste momento de confidencial conversação, lêsseis, no nosso coração, um dos pensamentos mais constantes e mais amargos, ao qual nos obrigam, por um lado, a nossa missão apostólica e profética de defensor e promotor do reino de Deus e, por outro, a observação da ausência de Deus, em tantos setores da mentalidade e da vida do homem contemporâneo.

Pois bem, refleti alguns instantes conosco sobre este fato que parece caracterizar a história e a civilização do nosso tempo: a ausência de Deus. Tem-se falado e escrito muito sobre o ateísmo, nas suas numerosas formas de expressão, o secularismo, isto é, a exclusão de toda e qualquer referência religiosa, da vida concreta do homem e da sociedade, a negação intencional e praticamente radical do próprio nome de Deus, nas manifestações da cultura e da concepção científica do mundo e da existência humana. Uma famosa revista francesa, por exemplo, informava-nos nestes dias sobre a proibição, num determinado país, embora de grandes tradições religiosas, de escrever o nome de Deus com letra maiúscula. Vede a que ponto se chegou!

Alguns representantes do homem moderno tornaram-se porventura, inimigos até do santo e infável nome de Deus? Este é apenas o aspecto extremo e externo do ateísmo moderno. Mas existem outros aspectos que merecem a nossa reflexão.

Diz-se que o homem moderno é alérgico à religião. Já não tem aptidão para pensar, para procurar, para rezar. É indiferente e espiritualmente insensível. Existe, no fundo, uma objeção mais grave e tácita, mas fortemente activa: nós, homens de hoje, não temos necessidade de Deus; a religião é inútil, não serve para nada; constitui uma dificuldade, um obstáculo, um problema supérfluo e paralisador; hoje, o homem libertou-se das velhas ideologias teológicas, míticas, pietistas; convencido de conquistar uma liberdade superior,

extinguiu a lâmpada da religião: é preferível a escuridão da incredulidade à mistificação das especulações supersticiosas.

Quantas pessoas pensam assim! Será verdade — mas não o que-remos crer — que a juventude, a nova geração se orienta para esta irreligiosidade fácil e vitoriosa? O espírito do homem de hoje está saturado de conhecimentos concretos empíricos e científicos. Mostra-se empenhado no domínio das coisas úteis, como as máquinas, por exemplo; ou no interesse pelas coisas fúteis, como o divertimento. Dir-se-lhe que nada lhe falta. Contenta-se com o mundo da economia e do prazer, com o mundo experimental e sensível, com o mundo chamado das verdadeiras realidades, que podem ser tocadas e comensuradas pela experiência. Não manifesta vontade nem necessidade de procurar na esfera do invisível, do transcendente e do mistério o complemento e a plenitude para o vazio interior que, como se diz, já não existe.

Esta ausência de Deus aflige-nos profundamente, dando-nos a impressão desolada de uma solidão anacrônica.

Uma procura talvez inconsciente

Este é, irmãos e filhos, um dos motivos que nos tornam gratíssima a vossa visita, que nos traz o conforto não só da vossa presença perante o nosso ministério que permanece nos séculos e no meio dos atuais acontecimentos humanos, mas também da presença de Deus na atualidade da vida.

E, assim, o diálogo convosco, embora contingente e brevíssimo, por um lado dá-nos a confirmação da suprema e harmônica necessidade da religião, da fé e da oração; e, por outro, revela-nos a origem e a natureza de certos fenômenos assustadores da mentalidade moderna: a inquietude, a confusão, a rebelião e a infelicidade íntima do homem contemporâneo. Ele perdeu o sentido profundo, metafísico, das coisas; o significado da própria vida, a esperança num destino qualquer. Sim, apagou-se a luz que iluminava todo o ambiente. E os homens, como cegos, vão à procura de um ponto de orientação e de apoio, chocando-se e abraçando-se, uns aos outros, como por acaso. Babel está a ressurgir? Sopra nas almas aquele espírito de vertigem, de atordoamento, de que fala o profeta Isaías (11)?

(11) Is 19,14.

Ou talvez, esconde-se, nesta negação do nome de Deus, uma intenção iconoclasta, sim, mas contra as falsas concepções da divindade, contra as religiões imperfeitas ou corrompidas e, por isso, resolúvel na procura, talvez inconsciente, do Deus desconhecido (12), de um Deus-Verdade, de um Deus-Bondade, de um Deus-Vida? Por outras palavras, a hodierna ausência de Deus não seria simplesmente uma obscura e atormentada aspiração à presença de um Deus-salvação, ou, afinal, de um Messias, de um Cristo, luz do mundo, no qual o homem de hoje possa encontrar-se a si mesmo e ao mesmo tempo o Deus Pai, que é o seu princípio e o seu fim, a sua esperança e a sua alegria? Reflitamos sobre isto, porque se trata do grande problema do nosso tempo.

Quanto a nós, temos esta confiança; e, nesta penosa ausência, permanecemos firme, de pé, abrindo ainda os braços para a humanidade sofredora e repetindo as palavras de Cristo: “Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei” (13).

b) DA AUSÊNCIA À PROCURA DE DEUS

(Discurso de Paulo VI na audiência de 31 de janeiro de 1973)

Retomemos o fio de uma reflexão que nunca pode nem deve terminar: a reflexão sobre a nossa atitude perante o problema de Deus, o problema religioso.

Dá-se um fato: a audácia, temerária ou inconsciente, com que se impõe nos nossos dias a negação de Deus, acaba por conferir a esta questão uma urgência tormentosa. Deus está ausente da vida moderna, dissemos, porque é esquecido e excluído. Nada sucede no mundo? Nada sucede na cultura humana? Nada sucede no foro interno da pessoa que vive e pensa?

Não pretendemos agora explicitar estas interrogações. Limitamo-nos a lançá-las aos vossos espíritos, para os estimular a uma investigação, que pode ser efetuada percorrendo algumas das muitas vias que se abrem diante de nós, exatamente por causa do imenso e indefinido vazio produzido pela ausência de Deus. Basta fazer com que se acolha esta palavra explosiva: procura. Que poremos no lugar de Deus?

Por outras palavras, à ausência de Deus, que caracteriza com certos aspectos macroscópicos a vida moderna, segue-se, queira-se ou

(12) At 17,23.

(13) Mt 11,28.

não, a procura de Deus. Simplifiquemos este fenômeno, classificando-o nalgumas das suas categorias elementares, começando por aquela que parece a mais óbvia e a mais cômoda.

O conhecimento aumenta o enigma

A primeira procura volta imediatamente à negação com que teve início, isto é, a procura sufoca-se a si mesma, tentando convencer-se de que a questão religiosa é uma pseudo-questão, inútil e prejudicial.

Embora imensas zonas de sombra se adensem, deste modo, à volta da mente humana e já ninguém pretenda que a ciência possa satisfazer as supremas aspirações da mesma inteligência, resignamo-nos a viver dentro dos seus horizontes, que se tornaram cada vez mais amplos, mas não advertimos que, na medida em que se vai estendendo o maravilhoso campo dos acontecimentos científicos, tanto maior se torna o enigma do ser que penetra em todos estes conhecimentos e que, de per si, obriga a subir a uma esfera superior, onde, apesar de tudo, é preciso chegar, à espera exatamente do necessário, do absoluto, da causalidade criadora, à esfera de Deus.

Bem sabemos que o esforço lógico para chegar a este primeiro e pálido conhecimento do primeiro princípio muitas vezes não consegue estabelecer aquela relação vital entre o homem e Deus, que denominamos religião, mas é a sua premissa: a premissa subjetiva, porque está aberta diante do pensamento, que se tornou humilde e exaltado, a janela da realidade transcendente; e a premissa objetiva, porque se vê que o mistério sempre explorável das realidades finitas é superado pelo mistério inefável e inexaurível do Ser infinito, com esta incomparável descoberta, fundamental para toda a ordem religiosa: o nosso pensamento é feito para atingir o cume da divindade.

Descoberta maravilhosa: nós somos essencialmente destinados a uma relação pessoal com Deus. Recordemos aquela frase, sempre citada, de Santo Agostinho: “Tu, ó Deus, fizeste-nos para Ti, e o nosso coração estará sempre inquieto enquanto não repousar em Ti” (14). Privar o homem desta meta equivale a cortar as asas do seu espírito, a abaixar a sua estatura ao nível dos seres que não possuem uma alma espiritual, a enganar as suas supremas aspirações com objetos de insuficientes dimensões e alimentar a sua fome religiosa com alimentos que a tornam maior e não a podem saciar.

(14) Conf. 1,1.

A resposta antiga: Procure mais acima

A procura de Deus detém-se porventura neste ponto? Ela está tão radicada na nossa natureza que, de qualquer modo, também aqueles que O esquecem e negam se dedicam a esta procura, desviada para falsas, incompletas, impessoais ou abstratas representações de Deus. Nós, homens modernos, habituados ao uso do pensamento, estamos particularmente predispostos a esta mistificação, a esta idolatria: fazemos de toda a espécie de desejo, de abstração ideal de unidade, de verdade, de bondade, de toda a espécie de concepção, embora real, de felicidade, de potência, de arte, de beleza e de amor, um bem supremo, um absoluto que nos domina. Recaimos na esfera do homem, muitas vezes, tão puerilmente como os antigos ídólatras das coisas sensíveis ou dos fenômenos naturais. Ora, o homem não basta para o homem. Se, realmente, ouvimos a voz desta esfera humanística, devemos registrar a antiga resposta: procure mais acima, “quaere supra nos”. Mas acima do homem, admitindo que se possa chegar aos umbrais do mundo religioso, termina a nossa investigação?

Não, respondemos. Pelo contrário, ela começa num plano novo, num reino novo. Gostaríamos que esta verdade fosse compreendida por todos aqueles que pensam ou receiam que a dedicação do próprio espírito à experiência religiosa pode frustrar a sua liberdade, a sua autonomia e a sua energia; pode enchê-lo de fantasmas e de mitos, de escrúpulos e de medos.

Devemos admitir que nem todas as expressões religiosas são válidas. Mas temos a ventura e o dever de afirmar que existe uma religião verdadeira, subjetivamente modelada segundo as medidas e as necessidades do nosso espírito, e objetivamente instituída por aquele Deus que vamos procurando, surpreendidos, também aqui, pelo fato que Deus veio ao nosso encontro antes que nós nos puséssemos à Sua procura e infinitamente mais (15).

Portanto, a nossa procura continua, num oceano, como sabeis, de verdades e de mistérios, num drama no qual cada um de nós tem o seu papel a desempenhar. É a vida. Mas ela poderá esgotar-se nesta nossa existência temporal? Não. Apesar da imensa luz da nossa religião católica, a procura e a expectativa de uma revelação ulterior não chegaram ao termo, mas ainda estão no início. A fé não é um conhecimento completo, mas é fonte de esperança (16).

(15) ABRAHAM AESCHEL, *Dieu en quête de l'homme*, Seuil, 1968.

(16) Hebr 11,1.

Agora vemos as verdades religiosas, mesmo na sua indiscutível realidade, no mistério, na sua impossibilidade de serem reduzidos à medida puramente racional. Conhecemos estas verdades “como por um espelho, confusamente” (17). O estudo, a procura e, digamos a palavra que abarca todo o processo humano-religioso, o amor permanecem ativos e dinâmicos.

É possível que o homem de hoje, orientado para uma contínua, ansiosa e exultante conquista, não saiba ouvir novamente este convite perene e estimulante à procura de Deus?

Digamos a nós mesmos a exortação do Profeta: “Buscai o Senhor, já que Ele se deixa encontrar, invocai-O já que está perto” (18).

c) O RENASCIMENTO RELIGIOSO DO MUNDO MODERNO

(Discurso de Paulo VI na audiência de 21 de fevereiro de 1973)

Quando procuramos os sinais da religião e, mais propriamente, os da fé, os da nossa fé católica, no mundo moderno, ficamos impressionados com os aspectos negativos que a nossa observação nos revela: vemos diminuir e, em certos grupos sociológicos, extinguir-se até o sentido religioso, obscurecer-se a concepção fundamental do ser e da vida em referência necessária a Deus, calar-se a oração, porem-se no lugar do culto e do amor de Cristo e de Deus a indiferença, a profanidade e até a hostilidade, às vezes oficial, que operam e lutam contra a religião, como também aquela pseudo-segurança que a experiência sensível e material nos pode oferecer, aqueles sucedâneos da verdadeira espiritualidade, de que a crítica, a dúvida e a autoconsciência enchem a mente do homem presunçoso da própria cultura (19).

As estatísticas falam com clareza: a religião regride. Talvez seja verdade e, infelizmente, muitas vezes é, de fato. Cometemos, porém, um erro de método, quando limitamos a nossa observação ao aspecto puramente sociológico. Por outras palavras, esquecemo-nos de considerar a realidade objetiva da religião, pelo menos daquela que é autêntica. A sua realidade é composta, é bilateral, isto é, consta não só do homem, mas também, e em primeiro lugar, de Deus, o qual não está ausente do fato religioso, nem deixa de agir nele.

(17) 1 Cor 13,12.

(18) Is 55,6.

(19) DANIELOU, *La culture trahie par les siens*, Epi 1972.

Deus nos procura, mais do que nós procuramos a Deus!

Deus, no desígnio da revelação e da fé, tem o papel principal e a iniciativa, enquanto o homem desempenha, é verdade, um papel necessário, que não é puramente passivo, mas, se observarmos bem, vemos que se trata de um papel dispositivo e de cooperação. A verdadeira relação religiosa consiste no dom que Deus, por sua vez, faz de Si próprio, de uma certa forma e numa certa medida limitadas, claro, pelo menos pelo seu próprio mistério, e, da nossa parte, pela exigência da fé (20). Consiste, por outro lado, na aceitação do homem. Deus procura-nos, podemos dizer, mais do que nós procuramos a Deus, porque Deus é amor e Ele é quem tem a primeira iniciativa: Ele amou-nos antes que O amássemos.

Esta visão realista do mundo religioso é fonte de gratidão e de ternura para os fiéis que respiram a atmosfera da casa de Deus e pode também ser fonte suprema para quem considera a religião sob o aspecto puramente humano, histórico e terreno. Recordemos o diálogo noturno de Jesus com Nicodemos: "... é preciso nascer do alto. O vento sopra onde quer" (21).

Vamos formular agora uma pergunta, que pode ter a sua resposta em fatos que fogem a uma análise positivista. A religião pode ter a sua origem em processos espirituais que estão fora dos cálculos puramente científicos. É um milagre, sim, mas, num certo sentido, é normal, porque entra na economia do reino de Deus.

O encontro com Deus pode realizar-se para além de todas as nossas previsões. A hagiografia oferece-nos exemplos admiráveis deste fato e as crônicas do nosso tempo, algumas clamorosas (22) e muitas outras silenciosas, atestam-no continuamente. Estamos na esfera carismática de que hoje se fala: o Espírito sopra onde quer. Nós certamente não o queremos extinguir, pois é São Paulo que nos diz: "Não extingais o Espírito" (23). Devemos, porém, recordar juntos esta outra frase do mesmo Apóstolo: "Examinaí tudo. Retende o que for bom" (24). A célebre "discrição dos espíritos" impõe-se num campo onde, com muita facilidade, pode haver ilusão.

(20) 1 Cor 13,12.

(21) Jo 3,7-8.

(22) FROSSARD, A., *Dieu existe, je l'ai rencontré*, Fayard, 1969.

(23) 1 Tes 5,19.

(24) Ib. 21.

A Igreja é a estrada mestra do Espírito

Este prodigioso encontro com Deus pode verificar-se também, embora o mundo contemporâneo tenha uma atitude refratária à religião. Vemos alguns sintomas disso, uns estranhos, outros consoladores, em diversos países.

Vem então à nossa mente um pensamento crucial: a nossa religião já não possui aquela virtude, que lhe é própria, de dar testemunho de si, de se conservar e renovar de um modo tradicional e ordinário? O Espírito sopra, porventura, somente fora do âmbito habitual das estruturas canônicas? A Igreja do Espírito afastou-se da Igreja institucional? Só nos grupos chamados espontâneos podemos encontrar os carismas da espiritualidade cristã autêntica, primitiva, pentecostal?

Não pretendemos agora discutir sobre este tema que, aliás merece ser examinado com muito respeito. Queremos apenas afirmar que, ainda hoje, ou melhor mais do que nunca, a estrutura ordinária e institucional da Igreja constitui a via principal, pela qual o Espírito chega até nós. Mas, para isso, é preciso que a idéia de Igreja, o "sensus Ecclesiae" seja restabelecido, retificado e aprofundado em nós. Quem modifica a concepção da Igreja com a intenção de renovar a religião na sociedade contemporânea, danifica, por isso mesmo, o canal do Espírito, estabelecido por Cristo, e compromete a religião do povo.

A este propósito, o nosso tempo teve a graça de ver brotar da tradição da Igreja, mediante o Concílio, dois elementos de primeira importância para o reflorescimento da religião nos nossos dias: a doutrina conciliar da Igreja e a reforma litúrgica. Recordemos todos nós este fato.

d) A ORAÇÃO, DIÁLOGO COM DEUS

(Discurso de Paulo VI na audiência de 14 de fevereiro de 1973)

Também o assunto escolhido para hoje é um tema que abarca toda a psicologia do homem do nosso tempo e, por isso, vamos examiná-lo não certamente para fazer um estudo sobre ele, que esteja à altura do merecimento tanto do próprio assunto como também do grande número de escritos que lhe dizem respeito, de ontem e de hoje, mas só para pôr em relevo uma das linhas características, e talvez essenciais, do perfil humano contemporâneo.

Reza-se, hoje? Adverte-se que significado a oração tem na nossa vida? Sentimos o dever, a necessidade e a consolação da oração? Compreendemos a função que ela exerce no âmbito do pensamento e da ação? Quais são os sentimentos espontâneos que experimentamos nos nossos momentos de oração? São eles a pressa, o aborrecimento, a confiança, a interioridade, a energia moral, o sentido do mistério, as trevas, a luz e, por fim, o amor?

Deveríamos, antes de tudo, tentar, cada um por conta própria, fazer este exame, e elaborar, para o uso pessoal, uma definição de oração. Uma definição muito elementar de oração poderia, por exemplo, ser esta: a oração é um diálogo, uma conversa com Deus. Vemos imediatamente que ela depende do sentido de presença de Deus, que nós conseguimos representar ao nosso espírito, ou por uma intuição natural, ou por uma certa figuração conceitual, ou também por um ato de fé. A nossa atitude assemelha-se à do cego, que não vê, mas sabe que tem diante de si um Ser real, pessoal, infinito e vivo, que observa, ouve e ama quem reza. Neste momento começa a conversação. Um “Outro” está aqui; e este “Outro” é Deus.

Diálogo, não monólogo

Se faltasse esta advertência de que Um, isto é, Ele, Deus, está, numa certa medida, em comunicação com o homem que reza, este cairia num monólogo, sem entabular um diálogo. Para ele não se trataria de um verdadeiro ato religioso, que se realiza entre duas pessoas, Deus e o homem, mas de um monólogo, lindo talvez, e às vezes exagerado, como se fosse um esforço supremo de voar para um céu opaco e sem margens, um monólogo que aclama e, neste caso, muitas vezes chora no vazio. Estaríamos no reino da mais lírica e mais profunda fenomenologia do espírito, mas sem ter certeza, sem esperança; antes, desolação, música emudecida.

Isto não acontece conosco, que sabemos que a oração, isto é, o encontro com Deus, é uma comunicação possível e autêntica. Coloquemos esta afirmação entre as certezas indiscutíveis da nossa concepção da verdade, da realidade em que vivemos. Em termos simples, a religião é possível; e a oração é, por excelência, um ato de religião. Noutra ocasião falamos disso, concluindo até que existe não um Deus ausente e insensível, mas um Deus providente, um Deus que vela sobre nós, um Deus que nos ama e que, principalmente, espera que O amemos.

Este fato pode produzir em quem reza um estado de alma primordial e importantíssimo, que deriva da síntese de dois sentimentos diversos, aparentemente opostos: o da transcendência de Deus, ofuscante e subjugante, e o da sua imanência, ou seja, da sua imediata vizinhança, da sua inefável presença. São dois sentimentos que se integram na pequena e pobre cela do nosso espírito e nela imediatamente acendem uma extraordinária vivacidade religiosa, a qual pode sem demora balbuciar a dupla expressão da sua prece: o louvor e a invocação, ou também, em certas almas místicas, pode permanecer absorta num silêncio contemplativo, quase indescritível.

Esta é a gênese da oração, a qual, elevada ao plano da fé, que emana da escola do Evangelho, assume uma voz tranqüila, doce, quase conatural à nossa linguagem humana, autorizada a invocar o Deus dos abismos, com o amável e confidencial nome de Pai. “Deveis rezar assim: Pai nosso, que estás nos céus...” (25), ensina-nos o nosso Mestre Jesus.

As dificuldades atuais que procuram extinguir a oração

Tudo isto é sublime. Mas devemos admitir que o mundo de hoje não reza de bom grado, não reza facilmente, não procura ordinariamente a oração, não a saboreia, não a quer. Fazei vós mesmos a análise das dificuldades que, nos nossos dias, procuram extinguir a oração. Elenquemos algumas delas.

A incapacidade: onde não há uma certa instrução religiosa é muito difícil que uma oração possa, por si, ser formulada. O homem, o jovem permanecem mudos diante do mistério de Deus. E onde a crença em Deus foi negada ou declarada inútil, supérflua e nociva, que vozes substituem a oração? Após insistentes lições contra a espiritualidade natural ou contra aquela que foi educada pela fé, lições de naturalismo, de secularismo, de paganismo, de hedonismo, ou seja, lições em favor da aridez religiosa, com que grande parte da pedagogia moderna asfaltou a alma das massas, saturadas de materialismo, como pode florescer nos corações a poesia da oração?

Hoje existem duas dificuldades que são tipicamente contrárias à oração. A primeira é uma índole psicológica, que deriva da excessiva profusão de imagens sensíveis, fantástica, profana e, infelizmente,

(25) Mt 6,9.

muitas vezes, corrompida pela sensualidade e pela licenciosidade, profusão de imagens sensíveis de que os modernos e, por si, maravilhosos instrumentos de comunicação social enchem a psicologia social: a câmara da experiência sensível por si não é apta à vida religiosa; pode servir de antecâmara se estiver sapientemente ligada àquela que está destinada à vida do espírito e à reverência pelo sagrado.

A outra dificuldade é o orgulho do homem evoluído, que progrediu nos caminhos da ciência e da técnica, também elas maravilhosas, mas cheias de ilusão e de auto-suficiência. A oração é, porém, um ato de humildade, que exige uma sabedoria superior, embora fácil, para encontrar a sua justificação lógica e a sua magnífica apologia.

Felizmente, exemplos insignes, contemporâneos, ainda confortam a nossa tendência inata a procurar em Deus o complemento único e infinito das nossas limitações e a feliz realização dos nossos desejos e das nossas esperanças.

Vamos parar aqui. Mas esperamos que desejeis continuar o vosso estudo sobre a oração. É um estudo que tem por objeto um dos coeficientes da nossa salvação.

VII. NECROLÓGIO

Coad. Fidelfo Aprili

* em Bolonha (Itália) aos 25-11-1882, † em Turim Casa Mãe aos 5-10-1972 com 89 anos e 68 de profissão.

Passou a sua longa vida salesiana toda em Turim na Casa Mãe. Primeiro foi livreiro na SEI quando a editora estava ainda nos seus primeiros passos. Depois foi encarregado do Escritório de Expedições Missionárias, repartição delicada e complexa, em que trabalhou com dedicação e bons resultados desde 1924 e em seguida: um período de intenso desenvolvimento missionário. Exemplar na pobreza e sacrificado no trabalho, nos últimos vinte anos ofereceu a Deus também a doença de um progressiva cegueira.

Coad. Manuel Baeza

* em Fuentes de Andaluzia (Sevilha-Espanha) aos 15-2-1885, † em Carmona (Sevilha-Espanha) aos 3-9-1972 com 87 anos, 70 de profissão.

A sua foi uma longa vida consagrada inteiramente aos jovens na preciosa missão do ensino. Foi apreciado professor de música e de banda. Sustentou-o sempre um grande amor a Dom Bosco e um vivo desejo de servir os outros. Apresenta-se-nos como um autêntico representante da primeira geração de Salesianos.

Padre Paulo Bazzichi

* em Stazzema (Lucca-Itália) aos 30-6-1888, † em Pietrasanta (Lucca-Itália) aos 6-2-1973 com 84 anos, 64 de profissão, 53 de sacerdócio. Foi diretor por 21 anos.

Bebera no exemplo de seus familiares uma espiritualidade sólida e uma formação humana e cristã que era herança das austeras gerações dum tempo. Uma fé a toda prova, incansável operosidade, e um amor às almas discreto e silencioso, caracterizaram a sua longa vida. Passou os últimos anos no ministério da confissão e em oração silenciosa e solitária, nutrida de abandono à vontade de Deus. Hão de lembrá-lo com gratidão por muito tempo os seus numerosíssimos ex-alunos e os não poucos sacerdotes que orientou com a palavra e exemplo.

Coad. José Bianconcini

* em Firenzuola (Florença-Itália) aos 23-4-1886, † em Turim, Casa Mãe aos 25-11-1972 com 86 anos e 61 de profissão.

Era uma alma simples e serena, um homem de oração, otimista convicto, trabalhador incansável. Empregou a sua vida salesiana em Guaiaquil (Equador), na Poliglota Vaticana, e, no após-guerra, em Turim — Valdocco.

Quer nas missões, com seu zelo; quer na enfermaria, com sua dedicação aos irmãos doentes; quer junto da Urna de Dom Bosco, com sua contínua oração e sua palavra persuasiva, deixou em todos uma saudosa recordação.

Padre Pedro Bolognani

* em Patti (Messina-Itália) aos 24-8-1880, † em Messina aos 26-12-1972, com 92 anos, 71 de profissão, 63 de sacerdócio. Foi diretor por 32 anos.

Espírito abertamente apostólico e missionário, em 1911 mal ordenado sacerdote parte para as Missões do Oriente. Regressando à pátria durante a primeira guerra mundial, prestou serviço militar, mas no fim do conflito voltou para a sua missão. Em 1952, retornou definitivamente para a Itália, para a sua Sicília. Desgastado no físico mas com as energias espirituais intactas, trabalhou com estilo missionário prestando-se como confessor dos irmãos, das irmãs, dos jovens, até que Deus o chamou para o prêmio.

Padre Alberto Bouchet

* em Opglabbeek (Bélgica) aos 21-5-1915, † em Hasselt (Bélgica) no dia 1-1-1973 com 57 anos, 38 de profissão e 30 de sacerdócio.

Dedicou quase toda a sua vida ao trabalho educativo nos institutos Técnicos, cujo espírito conhecia a fundo e para os quais conseguiu realizar um profícuo apostolado. O seu improvisado desaparecimento, exatamente no primeiro dia do ano, foi para os irmãos da Inspeção também um aviso admoestador além de uma perda dolorosa.

Coad. José Bücherl

* em Hötz - Oberpfalz (Alemanha) aos 18-5-1908, † em Waldwinkel Kraiburg (Alemanha) aos 29-10-1972 com 64 anos e 40 de profissão.

Viveu sem se poupar pelo bem de seus alunos, como mestre da arte do lenho. Distinguiu-se pela simplicidade, obediência e grande

espírito de trabalho. Tornava-se útil nas horas livres fazendo muitos trabalhos necessários para a casa e seus alunos aos quais era muito afeiçoado. Sofreu muito em razão de uma doença contraída nas linhas de frente na guerra, que o levou à morte quase improvisamente.

Padre Nazareno Camilleri

* em Sliema (Malta) aos 20-11-1906, † em Roma, PAS, no dia 1-3-1973 com 66 anos, 49 de profissão, 38 de sacerdócio.

Desde pequeno revelou declaradas qualidades de engenho e inclinação aos estudos especulativos. Laureando-se em filosofia e teologia, foi professor estimado e mestre espiritual de gerações de estudantes, sacerdotes e irmãs. Foi Decano da Faculdade de Filosofia e da Faculdade de Teologia. Os seus ensaios de filosofia e teologia caracterizam-se sobretudo pela agudeza de pesquisa e penetração especulativa. Riquíssima é a sua bagagem literária no campo hagiográfico, espiritual e pastoral. Admirável o seu espírito de serviço, o seu inconcusso apego ao magistério do Papa, a sua sede insaciável do conhecimento de Deus, que era a base da sua pesquisa e apostolado.

Padre Vítor Campobasso

* em Priggiano (Bari-Itália) aos 27-9-1908, † em Lanuvio (Roma-Itália) 28-10-1972 com 64 anos, 48 de profissão, 39 de sacerdócio.

Dotado de inteligência não comum e de uma memória excepcional, dedicou-se generosamente por longos anos ao ensino até que as forças físicas lho permitiram. Castigado por bastante tempo de vários achaques, suportou com paciência as suas aflições. Tornou-se muito útil no ministério das confissões dos jovens. Refulgiram nele de modo particular a humildade, a pobreza, a mansidão. A morte encontrou-o pronto para o passo extremo na vigília da beatificação do P. Miguel Rua.

Coad. Florêncio Celdrán

* em Benjofar (Alicante-Espanha) aos 7-11-1899, † em Valência (Espanha) aos 14-12-1972 com 73 anos, e 45 de profissão.

Bom e sem complicações queria bem a todos, e todos retribuía com grande afeto. Faltava-lhe um braço, mas isso não o impedia de trabalhar indefessamente na aula, no teatro, no pátio com os alunos e ex-alunos. Também nos últimos anos, já cego, inválido para o trabalho, era visto cercado de amigos, grandes e pequenos, aos quais

com paciência fazia repassar as lições. As difíceis provas enfrentadas com coragem na sua longa enfermidade foram o epílogo natural de uma vida intensa de trabalho e oração, na luz do amor de Deus.

Coad. Francisco Chiapello

* em Dronero (Cuneo-Itália) aos 13-4-1888, † em Bagnolo, Piemonte (Cuneo-Itália) 27-11-1972, com 84 anos e 40 de profissão.

O Brasil foi o seu primeiro campo de trabalho por 10 anos; fazia de tudo: motorista, mecânico, eletricista. Depois em Valdocco continuou o seu trabalho sacrificado de manutenção, até que as forças lho permitiram. Teve em seguida o encargo de cuidar da sacristia de S. Francisco de Sales e da Capela das Relíquias. A sua surdez o isolava bastante, mas lhe permitia também meditar e rezar continuamente. A morte para ele não veio nem improvisa nem imprevisita. Preparou-se com a oração e foi-lhe ao encontro serenamente.

Padre João Del Degan

* em Flaibano (Udine-Itália) aos 24-6-1912, † em Gorizia (Itália) aos 23-11-1972 com 60 anos, 42 de profissão, 34 de sacerdócio.

Era dotado de mentalidade especulativa; profundo conhecedor do pensamento rosminiano, nas pegadas do grande sacerdote filósofo dedicou todas as suas energias na pesquisa do verdadeiro e do bem. E participava aos outros o seu resultado com empenho missionário. Quando a saúde já não lhe permitiu trabalhar, fez ao Senhor a oferta da sua renúncia particularmente sentida de não mais poder pôr à disposição dos outros as suas qualidades de inteligência e de coração.

Coad. Carlos Dell'Acqua

* em S. Vittore Olona (Milão-Itália) aos 22-9-1906, † aí mesmo aos 12-10-1972 com 66 anos e 41 de profissão.

Trabalhou por 9 anos na Índia, depois foi para a Birmânia, onde desenvolveu o seu apostolado por 25 anos. Durante a guerra e as perturbações que a seguiram teve que sofrer bastante, também por causa da desnutrição e doenças. Prodigalizou-se para ajudar a todos os prófugos e fugitivos famintos, distribuindo-lhes leite, ovos, arroz e tudo o que ia ganhando com o seu trabalho. Distinguiu-se pela dedicação completa e inteligente ao trabalho, serenidade na vida de comunidade, intrasigência na observância religiosa, apego a Dom Bosco de modo exemplar e filial.

Coad. Isidoro De Smet

* em Gand (Bélgica) aos 3-4-1891, † em Sleidinge (Bélgica) aos 21-6-1972 com 81 anos, e 60 de profissão.

Era o coadjutor mais velho da Inspetoria. Na sua longa vida salesiana desempenhou vários encargos e se distinguiu por simplicidade de coração e disponibilidade.

Padre Lourenço D'Heigere

* em Wattrelos (Nórd-França) aos 30-6-1902, † em Montigny-Lencoup (França) aos 22-2-1973 com 70 anos, 42 de profissão, 35 de sacerdócio. Foi diretor por 6 anos.

Seguiu sua vocação em idade madura. Foi assistente e sócio no noviciado. Trabalhou também em ofícios de alta responsabilidade, em diversas casas. Ultimamente era capelão do cárcere de Fontainebleau. Trabalhador decidido, responsável e tenaz, foi o homem do dever: fidelidade e lealdade foram para ele normas de valor supremo. Parco nas manifestações de afeto, era, porém, muito sensível — sem deixá-lo perceber — ao menor sinal de amizade, e soube querer bem a todos profundamente.

Padre Nicolau Endres

* em Lím bach (Renânia-Alemanha) aos 10-12-1904, † em Benediktbeuern (Oberbayern-Alemanha) aos 25-8-1972 com 67 anos, 47 de profissão, 37 de sacerdócio.

Interrompendo os estudos em razão da guerra e da prisão, concluiu-os com uma tese sobre Dom Bosco. A Conferência dos Bispos da Alemanha nomeou-o relator da educação. Seu campo de trabalho foram as dioceses da Baviera. Por muitos anos foi presidente da "Comissão das Vilas Católicas" para a juventude de toda a Alemanha.

Quantos puderam abordá-lo lembram-no como homem de excelente bondade e delicadeza. O acúmulo enorme de trabalho desenvolvido, pouco a pouco o consumiu. A sua morte chegou imprevista e sentida para todos.

Padre Angelo Fidenzio

* em Turim (Itália) aos 4-6-1879, † em Tarento (Itália) aos 19-11-1972 com 93 anos 75 de profissão, 69 de sacerdócio. Foi diretor por 26 anos.

Dedicou as suas primeiras energias sacerdotais como mestre e diretor dos noviços de São Gregório de Catânia e em Genzano de Roma. Nos anos seguintes, em Tarento, foi de exemplo com a sua

fé viva, a oração perene e perseverante, a prodência provada, um sentido não comum da missão salesiana e uma capacidade de adaptação aos tempos na fidelidade absoluta ao essencial. Homem de poucas palavras e muitos feitos criou em Tarento o imponente Instituto Dom Bosco, oficina de estudos e liga de adestramento da vida dos jovens.

Coad. Angelo Estêvão Fossati

° em Novi Ligure (Alexandria-Itália) aos 26-12-1899, † em Turim, Casa Mãe aos 7-1-1973 com 73 anos, 35 de profissão.

Alguns acontecimentos que se verificaram enquanto prestava o seu serviço militar durante a primeira guerra mundial e no imediato pós-guerra, o persuadiram de ter sido objeto de uma assistência especial da parte de N. S. Auxiliadora. Fez voto de consagrar-se a Deus e o cumpriu dando o seu nome à Congregação salesiana. Fez o noviciado em terras de Missão, em Mato Grosso (Brasil), onde passou 32 anos no trabalho missionário. Foi um religioso de fé viva, de filial confiança para com os superiores e de piedade sincera.

Padre Luiz Franceschini

° em Romagnano di Trento (Itália) no dia 1-6-1904, † em Casale Monferrato (Itália) aos 24-1-1973 com 68 anos, 46 de profissão, 38 de sacerdócio.

Dele é lembrada a vida simples, reservada, límpida, coerente na doação sem limites. Sabia ajudar os outros sem procurar aparecer. Tinha o sentido humano das coisas e do seu alegre relacionamento à bondade do Criador. A sua sempre nova jovialidade diante de toda coisa era como a de uma criança encantada. Nos numerosíssimos anos de suas aulas — foi dito dele — entoou um cântico “ao irmão sol, à irmã lua, ao irmão fogo, e ao irmão vento...”. E agora serenamente, compostamente, a “nossa irmã morte corporal”, dando à sua consagração religiosa o remate supremo.

Coad. Reinrado Frey

° em Dielmansried (Baviera-Alemanha) aos 13-7-1899, † em Benediktbeuern (Alemanha) aos 28-10-1972 aos 72 anos, 36 de profissão.

Piedade simples e profunda, laboriosidade e fidelidade exemplar no cumprimento dos seus deveres religiosos. O seu grande espírito de sacrifício foi posto à dura prova, durante os últimos 19 anos, de uma dolorosa doença.

Padre Pedro Gil

° em Valdealcón de Ruada (Leão-Espanha) aos 5-5-1931, † em Madrid (Espanha) aos 15-12-1972 com 41 anos, 19 de profissão, 11 de sacerdócio.

Distinguiu-se pela sua total doação ao trabalho de apostolado e pelo seu bom espírito, humano e religioso. Uma dolorosa enfermidade, aceita com religiosa resignação, purificou o seu espírito.

Padre Ricardo Giovannetto

° em Fobello (Novara-Itália) aos 16-6-1883, † em Biella (Vercelli-Itália) aos 17-1-1973 com 89 anos, 72 de profissão, 63 de sacerdócio. Foi diretor por 2 anos.

Deste homem bom foi admirada a fé, grande e simples como a de uma criança, que se mudava em esperança e amor na expectativa do Reino, que sentia sempre mais próximo. E depois a mansidão, a brandura, a incapacidade da ofensa, a pobreza, o prodigalizar-se aos outros, o esconder-se a si mesmo.

Padre Francisco Glon

° em Malestroit (Morbhian-França) aos 10-1-1931, † em Sion (Suíça) aos 16-12-1972 com 41 anos, 19 de profissão, 10 de sacerdócio

Tornou-se salesiano “para fazer conhecer e amar melhor a Cristo, para consagrar toda a sua vida aos jovens”. Apesar da sua precária saúde trabalhou nas casas como conselheiro e catequista. Prematuramente foi atacado pelo mal de Parkinson; submeteu-se à intervenção cirúrgica que teve bom êxito; mas em seguida o mal fez rápidos progressos. Vendo cercear-se-lhe a vida ativa, resignou-se evidentemente após uma luta interior. Mas pôs a proveito a sua situação de enfermo tecendo uma corrente de amizades com os irmãos doentes da Inspetoria.

D. Luís A. Gorosito

° em Roldán (Santa Fé-Argentina) aos 23-1-1901, † em Alta Grácia (Córdoba-Argentina) aos 21.11.1972, com 71 anos, 55 de profissão, 46 de sacerdócio.

Conhecido como poeta e escritor de prosa sob o pseudônimo de Nice Lotus. As suas obras mais afamadas foram: “*Namuncurá*”, “*Amor Azul*” (dedicada à SS. Virgem), “*Poemas Mendocinos*”, “*Espiritualidade de S. João Bosco*”. Era membro da Comissão Nacional de Cultura, da Sociedade Argentina dos Escritores, e da Academia do Prata. Entre os alunos e nos círculos artísticos e literários era apreciado como sacerdote-poeta.

Padre Casto Guede

* em San Martín de Nogueira de Betan (Orense-Espanha) aos 19-8-1899, † em Arcos de la Frontera (Cádiz-Espanha) aos 31-8-1972 com 73 anos, 53 de profissão, 44 de sacerdócio.

Dedicou-se intensamente ao ensino e formação dos jovens. Nos últimos anos fez do confessorário o seu lugar de trabalho. Era um salesiano sem qualidades que dessem na vista, mas de uma vida interior sem falha alguma. Uma arteriosclerose cerebral progressiva provou-o duramente, até a privá-lo de todo movimento.

Padre Luís Hernández Ledesma

* em Ciudad Rodrigo (Salamanca-Espanha) aos 17-4-1904, † em Sevilha (Espanha) aos 15-1-1972 com 67 anos, 50 de profissão, 40 de sacerdócio. Foi diretor por 15 anos.

Teve uma vida humilde a serviço dos humildes. Como catequista e diretor soube valorizar a sua autoridade tornando-se disponível a todos em humildade e sacrifício. Harmonizando mentes e corações conseguiu criar na casa salesiana um verdadeiro ambiente familiar. Professor por vocação, soube formar nos seus alunos almas verdadeiramente cristãs e cultivou ótimas vocações. A cidade de Morón de la Frontera, onde ele passou muitos anos, galardoou-o com o título de “filho adotivo” e deu o seu nome a uma escola estatal.

Padre Henrique Heyns

* em Weslde (Anvers-Bélgica) aos 5-5-1910, † em Saint-Pieters-Woluwe (Bélgica) aos 20-8-1972 com 62 anos, 28 de profissão, 21 de sacerdócio.

Entrou na Congregação com a idade de 33 anos. Em toda a sua vida salesiana distinguiu-se por uma bondade velada de timidez. Gozava do afeto de todos os irmãos e dos jovens. Como enfermeiro e confessor esteve sempre em disponibilidade.

Padre Augusto Jamaux

* em Sain M'Hervé (França) aos 29-4-1891, † em La Guerche (França) aos 7-12-1971 com 80 anos, 61 de profissão, 48 de sacerdócio

Depois de ter feito a guerra de 1914-1918 e ter merecido a Cruz de Guerra, decidiu oferecer a sua vida a serviço dos jovens na família de Dom Bosco. Trabalhou com entusiasmo em La Marsa (Tunísia) nas atividades religiosas, esportivas, musicais, educativas e escolares. Feito pároco, foi muito estimado pelos seus fregueses. Por

longos anos se ocupou dos Cooperadores salesianos, tornando-se um precioso traço de união entre os diversos grupos da nossa família. Foi uma vida no estilo de trabalho salesiano.

Jadre José Klaumann

* em Calmesweiler (Alemanha-Saar) aos 31-3-1913, † em Kassel (Alemanha) aos 14-1-1973 com 59 anos, 37 de profissão, 17 de sacerdócio.

Jovem salesiano, teve que interromper os estudos por causa da guerra que lhe exigiu o serviço militar. Suportou dez anos de prisão na Rússia, e saiu dessa duríssima prova com a saúde comprometida. Fiel à sua vocação recomeça a estudar, mas uma vez sacerdote ele viveu todo o drama da sua grande generosidade frustrada pela má saúde, o acúmulo de trabalho que lhe incumbia, e a limitação das suas forças. Todavia trabalhou até o fim, truncado por um enfarte.

Padre Antonio Macák

* em Vystuk (Eslováquia) aos 25-10-1907, † em Muran (Eslováquia) aos 31-8-1972 com 64 anos, 42 de profissão, 34 de sacerdócio. Foi diretor por 6 anos.

Trabalhou com ótimos resultados na educação dos jovens clérigos salesianos. Educador metódico, compreensivo, paterno, imprimiu aos estudos e à formação dos clérigos o cunho da sua seriedade. Nos últimos 20 anos foi pároco e em meio a dificuldades de todo gênero demonstrou-se pastor todo dado ao bem das almas. Foi também apaixonado pesquisador e estudioso de canções folclóricas, e para torná-las conhecidas no estrangeiro, traduziu muitas delas também em latim.

Padre José Martí Serra

* em Barcelona (Espanha) aos 9-6-1882, † em Algeiras (Cádiz-Espanha) aos 2-5-1972 com 89 anos, 74 de profissão, 67 de sacerdócio. Foi diretor por 18 anos.

Era o salesiano mais antigo da Inspetoria por idade, profissão e sacerdócio. Trabalhou em várias casas e diversas incumbências pastorais e educativas. Conhecida a sua delicadeza e o seu tato no enfrentar situações difíceis, os Superiores lhe confiaram mais de uma vez o encargo de fechar algumas casas. Nutria um grande amor à Congregação, que lhe vinha do trato com salesianos que haviam conhecido pessoalmente Dom Bosco.

Padre Júlio Morelli

* em Genazzano (Roma-Itália) aos 9-9-1909, † em Ravenna (Itália) aos 16-1-1973 com 63 anos, 47 de profissão, 39 de sacerdote. Foi diretor por 12 anos.

Cumpriu com diligência as delicadas incumbências de Ecônomo, Diretor, Professor, demonstrando-se nas relações com os jovens, nas famílias e pessoal sempre sacerdote e educador. Achava conforto na oração, especialmente na Santa Missa, que quis celebrar mesmo quando a vista se lhe ia apagando. “Amei a Igreja: sobre isto não tenho nada de que me queixar”, havia ele confiado a um irmão à cabeceira do leito de morte.

Coad. Teodoro Movellán

* em Fuentes de Valdepero (Palencia-Espanha) aos 23-10-1912, † em Córdoba (Argentina) aos 6-2-1973 com 60 anos, 28 de profissão.

Depois de alguns anos de apostolado na pátria, desde 1953 desenvolveu a sua atividade na Inspetoria do Uruguai. Tendo necessidade dum clima mais favorável à sua fraca saúde foi transferido para a Argentina. Ofereceu com generosidade os sofrimentos da sua última enfermidade para o bom êxito do CIE e para o bem da Congregação.

Padre Joroge Nitsch

* em Nieder-Holisch (Silésia-Polónia) aos 14-3-1900, † em Oberthalheim (Austria) aos 29-1-1973 com 72 anos, 53 de profissão, 46 de sacerdócio. Foi diretor por 24 anos e por 12 Inspetor.

De numerosa família e profundamente cristã, entrou na família salesiana com 17 anos. Por bem 38 anos ocupou o cargo de Diretor e Inspetor, e depois novamente como diretor. Todos o lembram como sacerdote de profunda fé, sempre sereno e cheio de zelo pelas almas.

Padre Fernando Palkovic

* em Hrnarovec (Trnava-Checoslováquia) aos 6-12-1908, † em Marselha (França) aos 9-12-1972 com 64 anos, 40 de profissão, 32 de sacerdócio.

Deixou a sua pátria para trabalhar sobretudo a serviço da África do Norte: Tunísia, Argélia, Marrocos. Trabalhou também em diversas casas do sul da França. Era generoso e trabalhador, de coração sensível, compreensível, e atencioso aos seus irmãos.

Coad. José Pavlis

* em Vel'ke Leváre (Bratislavia-Checoslováquia) aos 31-1-1902, † aí mesmo aos 20-9-1972 com 70 anos de idade e 46 de profissão.

Humilde e laborioso filho de Dom Bosco, permaneceu fiel à vocação em meio a grandes dificuldades e da perseguição. A fidelidade aos votos religiosos e ao espírito de Dom Bosco foram a razão da sua vida também quando se viu obrigado a viver sem o conforto da vida comunitária.

Padre João Perovsek

* em Krnce-S. Gregório (Slovenija-Jugoslávia) aos 21-10-1880, † em Zagreb (Jugoslávia) aos 14-1-1973 com 92 anos, 75 de profissão, 66 de sacerdócio.

Foi um homem simples e de grande bondade, compreensão e zelo apostólico. O seu trabalho principal foi o ministério das confissões para o qual consagrou a maior parte da sua vida sacerdotal. Estava sempre à disposição desde às 5,30 da manhã, tanto para os irmãos, noviços e teólogos, como para os paroquianos. O padre Perovsek deixou-nos um luminoso exemplo de serviço apostólico todo consagrado aos outros.

Padre Brás Re

* em Pedalino (Ragusa-Itália) aos 16-4-1914, † em Modica Alta (Itália) aos 6-12-1972 com 58 anos, 35 de profissão, 25 de sacerdócio.

De volta, em 1961, por motivos de saúde, das missões do Equador, foi designado primeiramente para a casa de Ragusa e, ao depois, para a de Modica Alta, como confessor e encarregado da erigenda paróquia de Maria Auxiliadora, perto do Instituto. Graças à sua simplicidade nos modos, impregnada de verdadeira caridade cristã, conquistou, de pronto, a estima e a benevolência da população, quase totalmente composta de gente simples da periferia. Sua morte trágica, em desastre rodoviário, foi profundamente sentida pelos seus paroquianos, que, em concurso extraordinário, lhe acompanharam os funerais.

Padre Jaime Rivera

* em Junqueira de Ambía (Orense-Espanha) aos 23-6-1930, † em Puerto de S. Maria (Cádiz-Espanha) aos 16-8-1972 com 42 anos, 24 de profissão, 15 de sacerdócio.

Morreu no dia do seu aniversário de profissão num acidente de mar. As suas primeiras atividades apostólicas foram com os aspirantes, que soube entusiasmar no amor à vocação, ao estudo e ao trabalho. Como sacerdote trabalhou entre os estudantes de filosofia. Tinha uma alma de criança, generosa e humilde; ficava contente quando

podia prestar um serviço. Nutria uma terna devoção a N. Senhora, que ocupou o lugar de sua mãe terrena que ele perdera ainda menino.

Padre Ramón Rodríguez

* em Durazno (Uruguai) aos 25-12-1896, † em Castillos (Rocha-Uruguai) aos 15-6-1972 com 75 anos, 54 de profissão, 40 de sacerdócio. Foi diretor por 3 anos.

Morreu improvisamente em Castillos onde era encarregado da paróquia. Desenvolveu o seu trabalho apostólico, sacerdotal e salesiano, em diversos lugares: em todos eles sentiu-se à vontade entre os jovens, como bom filho de Dom Bosco.

Coad. Bernardo Ruá

* em Sampyre (Cuneo-Itália) aos 5-5-1880, † em Bagnolo Piemonte (Cuneo-Itália) aos 10-1-1973 com 92 anos, 48 de profissão.

Entrou na Congregação já adulto, com 44 anos. “Se eu olhasse as minhas escassas qualidades — escreveu no pedido para a primeira profissão — não me atreveria a fazer este pedido, mas a consideração de que nesta querida Congregação há tantos lugares, um deles se adaptará também para mim, e isto me dá o ânimo de fazê-lo”. Com esse estilo de humildade, laboriosidade incansável, de pobreza austera... foi para a frente até à idade mais avançada.

Coad. Acúrsio Schinelli

* em Caltabellota (Agrigento-Itália) aos 30-10-1929, † em Araguaiana (Mato Grosso-Brasil) aos 26-9-1972 com 43 anos, e 14 de profissão.

Não se passara ainda um ano desde a sua ida para Mato Grosso, quando perdeu a vida tragicamente no campo de trabalho. As suas características: alegria e otimismo, e grande empenho nos deveres. Agora descansa perto das tumbas do Padre João Fucs e Padre Pedro Sacilotti, intrépidos missionários entre os índios Xavantes.

Padre Luís Uhl

* em Glöt (Alemanha) aos 1-11-1902, † em Los Teques (Venezuela) aos 23-12-1972 com 70 anos, 45 de profissão, 38 de sacerdote.

Foi sacerdote exemplar na piedade e na vida comunitária. Foi também o homem do trabalho incansável e sacrificado. A sua figura ficará idelével na mente de muitos operários para os quais dedicou boa parte de sua vida salesiana.

Padre Benigno Vacca

* em Muravera (Cálhari-Itália) aos 30-8-1888, † em Fossombrone (Psaro-Itália) aos 29-12-1972 com 84 anos, 65 de profissão, 58 de sacerdócio.

Diligente e tenaz trabalhador na vinha do Senhor, transmitiu íntegro e genuíno espírito salesiano, haurindo na fonte pura do P. M. Rua e dos primeiros salesianos. Formou através da aula e da música vocal e instrumental, muitos salesianos e alunos. Adorou na paz dos justos sereno como um patriarca.

Padre Adolfo Vagli

* em Isola Santa-Careggine (Licca-Itália) aos 26-8-1917), † em Gênova-Sampierdarena (Itália) em 1-1-1973 com 55 anos, 35 de profissão, 25 de sacerdócio.

Seu programa foi o silêncio, a humildade serena, a observância religiosa e a execução precisa e constante do seu ministério sacerdotal. A doença o surpreendeu quando estava para recomeçar a sua atividade de professor, ocupação que desenvolveu com total dedicação e profundo amor por tantos anos. Era muito apegado à Congregação e sabia infundir nos jovens o amor para com ela, e comunicar-lhes o afeto a Dom Bosco.

Padre João Vogelpoth

* em Essen-Berge (Rheinland-Alemanha) aos 17-9-1909, † em Essen aos 7-12-1972 com 63 anos, 44 de profissão, 35 de sacerdote.

Apenas sacerdote, partiu para as Missões da África Central, onde trabalhou durante 12 anos, com zelo e espírito de sacrifício. Em razão de doença, teve que voltar para a pátria onde trabalhou como ecônomo e cura de almas. Suportou a enfermidade com força de espírito até ao chamamento de Deus na véspera da festa da Imaculada.

Padre José Volek

* em Velké Štirovice (Bratislavia-Eslováquia) aos 3-3-1911, † em Sinovce (Eslováquia) aos 13-10-1972 com 61 anos, 42 de profissão e 33 de sacerdócio.

Salesiano exemplar, viveu sem compromissos o seu ideal. Por sua atitude anticonformista, não lhe fora permitido pelo governo trabalhar oficialmente na cura de almas. Padre Volek, porém, tornou apostólica toda a sua vida, a começar pela sua presença no mundo operário. Sabia desenvolver uma catequese ocasional convicta e muito

eficaz. Ajudava e animava os seus irmãos, obrigados a viverem dispersos, com todas as suas forças e seus recursos. Todos o recordam por sua dedicação à causa salesiana em tempos tão difíceis.

Padre João Luís Zuretti

° em Mesenzana (Varese-Itália) aos 17-12-1880, † em Turim - Casa Mãe aos 27-11-1972 com 91 anos, 73 de profissão, 68 de sacerdócio.

Foi o servo bom e fiel, de fé límpida, de candor que encantava, o homem do trabalho e da frugalidade. Exerceu por 60 anos o apostolado da aula com uma dedicação que o tornou querido a numerosas turmas de seus ex-alunos. Teve a alegria de dar aula a Zeferino Namuncurá, hoje Venerável. Ao trabalho de aula uniu também o trabalho da pena: "*Civilisation Française*" (obra difundida nas escolas secundárias), o periódico "*Gymnasium*" (muito útil aos professores) e a "*Grammatica francese*". Foi também fervoroso alpinista, em busca de sol, de ar puro, e de...apostolado entre os alpinistas.

1.º elenco 1973

N.º	Sobrenome e Nome	Lugar do Nascimento	Data do Nasc. e Morte	Id.	Lugar da Morte	Insp.
1	Coad. APRILI Filiefo	Bolonha (I)	25-11-1882 5-10-1972	89	Turim-Casa Mãe (I)	Cn
2	Coad. BAEZA Manuel	Fuentes de A. (E)	15-02-1885 3-09-1972	87	Carmona (E)	Se
3	Sac. BAZZICHI Paulo	Stazzema (I)	30-06-1888 6-02-1973	84	Pietrasanta (I)	Li
4	Coad. BIANCONCINI José	Firenzuola (I)	23-04-1886 25-11-1972	86	Turim-Casa Mãe (I)	Cn
5	Sac. BOLOGNANI Pedro	Patti (I)	24-08-1880 26-12-1972	92	Messina (I)	Sc
6	Sac. BOUCHET Alberto	Opglabbeek (B)	21-05-1915 1-01-1973	57	Hasselt (B)	Wo
7	Coad. BÜCHERL José	Rotz/Oberpfalz (D)	18-05-1908 29-10-1972	64	Kraiburg (D)	Mü
8	Sac. CAMILLERI Nazareno	Sliema (Malta)	20-11-1906 1-03-1973	66	Roma PAS (I)	PAS
9	Sac. CAMPOBASSO Vítor	Trigg ano (I)	27-09-1908 28-10-1972	64	Lanuvio (I)	Ró
10	Coad. CELDRAN Florenço	Benijofar (E)	7-11-1899 14-12-1972	73	Valência (E)	Va
11	Coad. CHIAPELLO Francisco	Dronero (I)	13-04-1888 27-11-1972	84	Bagnolo (I)	Cn
12	Sac. DEHLERT Bruno	Stabigotten (D)	12-10-1910 26-04-1972	61	München (D)	Bi
13	Sac. DEL DEGAN João	Flaibano (I)	24-06-1912 23-11-1972	60	Gorizia (I)	Vn
14	Coad. DELL'ACQUA Carlos	S. Vittore Olona (I)	22-09-1906 12-10-1972	66	S. Vittore Olona (I)	Cn
15	Coad. DE SMET Isidoro	Gand (B)	3-04-1891 21-06-1972	81	Sledinge (B)	Wo
16	Sac. D'HEYGERE Lourenço	Wattrelos (F)	30-06-1902 22-02-1973	70	Montigny-Lencoup (F)	Pr
17	Sac. ENDRES Nicolau	Limbach (D)	10-12-1904 25-08-1972	67	Benediktbeuern (D)	Mü
18	Sac. FIDENZIO Angelo	Turim (I)	4-06-1879 19-11-1972	93	Tarento (I)	Mi
19	Coad. FOSSATI Angelo S.	Novi Ligure (I)	26-12-1899 7-01-1973	73	Turim-Casa Mãe	CGn
20	Sac. FRANCESCHINI Luís	Romagnano di T. (I)	1-06-1904 24-01-1973	68	Casale Monferrato (I)	No
21	Coad. FREY Meinrado	Dielmannsried (D)	13-07-1899 28-10-1972	73	Benediktbeuern (D)	Mü
22	Sac. GIL Pedro	Valdealcón de R. (E)	5-05-1931 15-12-1972	41	Madrid (E)	Ma
23	Sac. GIOVANNETTO Ricardo	Fobello (I)	16-06-1883 17-01-1973	89	Biella (I)	No
24	Sac. GLON Francisco	Malestroit (F)	30-01-1931 16-12-1972	41	Sion (CH)	Fr
25	Sac. GOROSITO Luís A.	Roldan (RA)	23-01-1901 21-11-1972	71	Alta Gracia (RA)	Cr

1.º elenco 1973

N.º	Sobrenome e Nome	Lugar do Nascimento	Data do Nasc. e Morte		Id.	Lugar da Morte	Insp.
26	Sac. GUEDE Casto	Nogueira de B.	19-08-1899	31-08-1972	73	Arcos (E)	Se
27	Sac. HEYNS Henrique	Weelde (B)	5-05-1910	20-08-1972	62	Sint-Pieters-Woluwe (B)	Wo
28	Sac. HERNANDEZ Luís (Led.)	Ciudad Rodrigo (E)	17-04-1904	15-01-1972	67	Sevilha (E)	Se
29	Sac. JAMAUX Augusto	Saint-M'Hervé (F)	29-04-1891	7-12-1971	80	La Guerche (F)	Pr
30	Sac. KLAUMANN José	Calmesweiler (D)	31-03-1913	24-01-1973	59	Kassel (D)	Kö
31	Sac. MACAK Ant6nio	Vystuk (Checosl.)	25-10-1907	31-08-1972	64	Muran-Roznava (Checosl.)	Sl
32	Sac. MARTI José (Serra)	Barcelona (E)	9-06-1882	2-05-1972	89	Algeciras (E)	Se
33	Sac. MORELLI J6lio	Genazzano (I)	9-09-1909	16-01-1973	63	Ravenna (I)	Ad
34	Coad. MOVELLAN Teodoro	Puentes de Val (E)	23-10-1912	6-02-1973	60	C6rdoba (RA)	Cr
35	Sac. NITSCH Jorge	Nieder Ohlsch (PL)	14-03-1900	29-01-1973	72	Oberthalheim (A)	AU
36	Sac. PALKOVIC Ferdinando	Hrnarovce (Checosl.)	6-12-1908	9-12-1972	64	Marselha (F)	Ly
37	Coad. PAVLIS Jos6	Vel'K6 Lev6re (")	31-01-1902	20-09-1972	70	Vel'K6 Lev6re (Checosl.)	Sl
38	Sac. PEROVSEK Jos6	Krnce (Ju)	21-10-1880	14-01-1973	92	Zagreb (Ju)	Zg
39	Sac. RE Br6s	Corniso (I)	16-04-1914	6-12-1972	58	Modica Alta (I)	Sc
40	Sac. RIVERA Jaime	Junquera de A. (E)	23-06-1930	16-08-1972	42	Puerto de S. Maria (E)	Se
41	Sac. RODRIGUEZ Ram6n	Durazno (U)	25-12-1896	15-06-1972	75	Castillos (U)	U
42	Coad. RU6 Bernardo	Sampeyre (I)	5-05-1880	10-01-1973	92	Bagnolo (I)	Sb
43	Coad. SCHINELLI Ac6rsio	Caltabellotta (I)	30-10-1929	26-09-1972	43	Araguaiana (BR)	CG
44	Sac. UHL Luis	Gl6tt (D)	1-11-1902	23-12-1972	70	Los Teques (VZ)	Vz
45	Sac. VACCA Benigno	Murav6ra (I)	30-08-1888	29-12-1972	84	F6ssombrone (I)	Ad
46	Sac. VAGLI Adolfo	Isola Santa (I)	18-08-1917	1-01-1973	55	G6nova (I)	Li
47	Sac. VOGELFOTH Jos6	Essen-Berge (D)	17-09-1909	7-12-1972	63	Essen (D)	K6
48	Sac. VOLEK Jos6	Velk6 Scirovce (Checosl.)	3-03-1911	13-10-1972	61	Sinovce (Checosl.)	Sl
49	Sac. ZURETTI Jos6 Luis	Mesenzana (I)	17-12-1880	21-11-1972	91	Turim-Casa M6e	Cn

Composto e impresso nas
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua da Mooca, 766 (Mooca)
Fone: 279-1211 — P. A. B. X.
Caixa Postal, 30 439
SAO PAULO

